

editorial.

O ano de 2012 se aproxima e vamos preparando o trabalho do *V Congresso Internacional de Convergencia*¹ – *O ato psicanalítico e suas incidências clínicas, políticas e sociais*, evento que reunirá em Porto Alegre psicanalistas de diferentes línguas, formações e transferências, dispostos ao diálogo e a relançar o ato inaugural que nos faz sustentar o que é a psicanálise.

Passados mais de trinta anos da dissolução da Escola Freudiana de Paris e da dispersão do movimento psicanalítico que a sucedeu, a construção de laços de trabalho entre os analistas imbuídos em fazer avançar a psicanálise continua.

Convergencia foi fundada em Barcelona, no ano de 1998, momento em que os representantes das associações convocantes decidiram votar o texto dos estatutos na presença de centenas de psicanalistas. Sua origem está atrelada a dois movimentos anteriores: o *Lacanoamericano*, movimento sul-americano que teve sua primeira reunião em 1987; e a *Inter-associativa Psicanalítica*, movimento europeu cujos estatutos foram votados em 1991.

¹ Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana

editorial.

Sem colocar em questão o pertencer a uma instituição (tomado por necessário, com certeza, na medida em que composta por instituições) ou mesmo a modalidade organizacional de cada instituição-membro, a proposição de *Convergencia* é a de criar um modo de laço do analista à sua comunidade que não seja da ordem do gozo fusional, mas que, ao contrário, permita pensar.

O modo de fazer acontecer essa invenção resguarda a simplicidade de um dispositivo que busca preservar a qualidade do trabalho de transmissão na mesma medida em que subtrai os efeitos imaginários de mestria hierárquica – ou seja, promovem-se encontros de trabalho.

A simplicidade, porém, não isenta aqueles que se inscreveram no movimento do renovado esforço de reflexão sobre a qualidade dos laços que se produzem e da renovação de dispositivos capazes de oportunizar e acompanhar avanços.

Esta edição do *Correio*¹ se dedica a textos elaborados durante a vigência do movimento em construção, sendo que alguns deles retratam a aposta inicial, como o que lemos na Ata de Fundação; outros, como o artigo de Ricardo Goldenberg e de Mara Musolino, lançam questões para o trabalho do Congresso que está por vir, anunciando pontos em que o diálogo vem avançando e pode prosseguir.

A leitura convida a deixar-se levar pela sonoridade diversa – fazendo contraponto ao nocivo efeito da repetição a que o refrão, conhecido e compartilhado entre pares, atrai com tanta frequência. Para os que dominam o idioma francês, ou mesmo o espanhol, disponibilizamos em nossa *homepage* os textos originais dos autores estrangeiros.

¹ A Seção Temática desse número contou com a colaboração de Marta Pedó e Robson de Freitas Pereira

II Jornada do Instituto APPOA

Nos dias 30 de setembro e 1º de outubro, estivemos reunidos no Hotel Ritter para a II Jornada do Instituto APPOA – Psicanálise e Intervenções Sociais. Pudemos perceber, tanto nos trabalhos apresentados pelos colegas como nas intervenções dos conferencistas convidados, a presença de uma posição fortemente calcada na ética da psicanálise. Intervenções tecidas e construídas delicadamente, em uma variedade de campos de atuação, como a assistência social, a saúde (atenção primária, CAPS e hospitais), as organizações de direitos humanos e o mundo do trabalho, que puderam ter este espaço como um lugar de testemunho muito vivo e instigante, bem como de reflexão teórica e de aprofundamento conceitual bastante inovador e consistente. A presença dos psicanalistas Paulo Endo, Andréa Guerra e Miriam Debieux Rosa, enriqueceu o trabalho de reflexão proposto pela Jornada, contribuindo para renovar nossa aposta na dimensão clínico-política da psicanálise.

Destacamos a presença de um público numeroso, de quase quatrocentas pessoas, vindas de diferentes cidades do Rio Grande do Sul e de outros estados. É uma resposta que nos faz pensar tanto na potência do Instituto

notícias.

APPOA, que coloca a palavra em circulação, favorecendo o debate com os diferentes campos de saber, quanto na responsabilidade e no compromisso de dar continuidade e consistência a estes espaços de trabalho que temos construído na cidade.

Podemos dizer que o Instituto APPOA vem se instituindo como um importante pólo de atração para questões que surgem da práxis da psicanálise na atualidade. Cabe-nos a tarefa de sustentarmos a elaboração dos efeitos deste encontro.

Ester Trevisan, Norton da Rosa Junior e Tatiane Vianna

V Congresso Internacional de *Convergencia*

O ato psicanalítico e suas incidências clínicas, políticas e sociais

22, 23 e 24 de junho de 2012

Porto Alegre/RS – Brasil

A Psicanálise é uma prática discursiva cujos efeitos podem ser observados na clínica e também na vida cotidiana há mais de um século. Suas posições inovadoras, mesmo subversivas, sempre foram objeto de discussão dentro e fora das instituições psicanalíticas. As incidências do trabalho com o inconsciente mostram que a escuta do sintoma é possível considerando que este é sinal do sujeito e não manifestação de doença. Ora, nestes tempos de exigência de gozo imediato e de discursos fundamentalistas, face ao inevitável mal-estar na cultura, um tratamento que não ofereça cura milagrosa ou consolo permanente coloca-se como referência ética de que os atos de palavra são transformadores.

As associações e os psicanalistas reunidos em *Convergencia – movimento laciano para a psicanálise freudiana* – consideram que as articulações entre o sujeito e sua polis são indissociáveis; pois o psicanalista é permeável aos discursos e, para que a psicanálise possa avançar em sua

4. correio APPOA | dezembro 2011

prática e teoria, faz-se necessário um exame permanente das consequências de seus atos.

No *V Congresso Internacional de Convergencia* que acontece em Porto Alegre, teremos oportunidade de renovar esta aposta. Um momento de encontro e debate sobre os efeitos do ato psicanalítico na clínica das neuroses, das psicoses e das perversões. Acontecimento onde os psicanalistas podem dar conta da sustentação de seu ato nos mais diversos âmbitos – consultórios, ambulatorios, hospitais e outros cujo lugar de reunião é uma oportunidade para compartilhar a experiência. Além disso, temos espaço para verificar os efeitos do ato no social, a experiência do encontro do discurso psicanalítico com as políticas públicas, sejam elas educacionais, culturais, ou de saúde mental.

Um significante lançado ao mundo não é mais individual, afirmava Jacques Lacan em diversos momentos ao retomar o legado de Freud. Cada analista tem responsabilidade com a psicanálise ao sustentar em sua escuta os desdobramentos do fantasma na atualidade. Ao mesmo tempo, interrogar a política dos enlaces no campo psicanalítico faz parte de sua formação. Além disso, a transmissão do discurso psicanalítico está aberta às incidências do ato criativo, fazendo eco à potência do discurso em seu esburacamento do real.

Convidamos a participar deste evento, no qual psicanalistas de diferentes línguas, formações e transferências estão dispostos ao diálogo e a relançar o ato inaugural que nos faz sustentar o que é a psicanálise.

Eixos de trabalho

- As formas do tratamento psicanalítico na atualidade – o ato analítico. (Incidências Clínicas)
- A intervenção clínica da psicanálise nas políticas públicas; a política das instituições psicanalíticas; a política do desejo in-mundo. (Incidências Políticas)

notícias.

- Como formular o mal-estar na cultura hoje? O ato analítico frente ao mal-estar contemporâneo. O laço social frente ao individualismo, gozo e sofrimento. (Incidências Sociais)
- O ato e a criação do novo na cultura.

Instituições convocantes

Apertura(Espanha), Après-Coup Psychoanalytic Association (EUA), Acte Psychanalytique (Bélgica), Analyse Freudienne (França), Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Brasil), Círculo Psicoanalítico Freudiano (Argentina), Cartels Constituants de L'Analyse Freudienne (França), Centre Psychanalytique de Chengdu (China), Colégio de Psicanálise de Bahia (Brasil), Corpo Freudiano do Rio de Janeiro Escola de Psicanálise (Brasil), Dimensions de la Psychanalyse (França), Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro (Brasil), Escuela Freud-Lacan de La Plata (Argentina), Escuela de Psicoanálisis Lacaniano (Argentina), Escuela de Psicoanálisis de Tucumán (Argentina), Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud-Rosario (Argentina), Escuela Freudiana de Buenos Aires (Argentina), Escuela Freudiana de la Argentina (Argentina), Escuela Freudiana de Montevideo (Uruguai), Escuela Freudiana del Ecuador (Ecuador), Espace Analytique (França), Espaço Psicanálise (Brasil), Fédération Européenne de Psychanalyse et École Psychanalytique de Strasbourg (França), Grupo de Psicoanálisis de Tucumán (Argentina), Insistance (França), Intersecção Psicanalítica do Brasil (Brasil), Laço Analítico Escola de Psicanálise (Brasil), Lazos Institución Psicoanalítica (Argentina), Le Cercle Freudien (França), Letra, Institución Psicoanalítica (Argentina), Maiêutica Florianópolis (Brasil), Mayeutica-Institución Psicoanalítica (Argentina), Nodi Freudiani Associazione Psicanalítica (Itália), Praxis Lacaniana Formação em Escola (Brasil), Psychanalyse Actuelle (França), Seminario Psicoanalítico (Argentina), Trieb Institución Psicoanalítica (Argentina), Triempo Institución Psicoanalítica (Argentina).

Realização: Convergencia, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana

6. correio APPOA | dezembro 2011

Informações e inscrições: Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA (www.appoa.com.br).

Participantes

Para participar do *V Congresso Internacional de Convergencia* deverá ser feita inscrição através do site www.congressoconvergencia.com, preenchendo o formulário de acordo com a sua categoria, conforme o quadro abaixo.

Lembramos que para inscrever trabalhos é necessário, antes, efetuar sua inscrição como participante.

Prazo	Profissionais (Brasil)	Profissionais * (exterior)	Até 3 anos de formação (Brasil)	Até 3 anos de formação * (exterior)	Estudante de Graduação (Brasil)	Estudante de Graduação * (exterior)
Até 06 de janeiro de 2012	R\$ 280,00	U\$160,00	R\$ 170,00	U\$95,00	R\$ 120,00	U\$60,00
07 de Janeiro a 13 de Abril de 2012	R\$ 320,00	U\$180,00	R\$ 200,00	U\$115,00	R\$ 150,00	U\$70,00
14 de Abril a 22 de Junho de 2012	R\$ 380,00	U\$220,00	R\$ 250,00	U\$140,00	R\$ 180,00	U\$90,00

Forma de pagamento: No momento, está disponível a inscrição por depósito ou transferência bancária.

Cinema: O divã e a tela em Paris

Cinema: O divã e a tela (Artes e Ofício Editora), de Enéas de Souza e Robson de Freitas Pereira, foi lançado em Paris em 22 de novembro (terça-feira), durante a realização do ciclo “Cinema Brasileiro Contemporâneo”, na Maison du Brésil. Organizado por Enéas de Souza, o ciclo exibiu e debateram alguns dos filmes comentados no livro. Além dos autores/organizadores, participaram do lançamento as psicanalistas Ana Lucília Rodrigues e Lucia Serrano Pereira, que também assinam textos na publicação.

notícias.

Um público numeroso compareceu à Maison du Brésil, na noite de terça-feira, 22/11, para a apresentação do livro. Além dos autores, estiveram presentes psicanalistas de diversas instituições parisienses, colegas e amigos franceses e brasileiros que tem interesse nas articulações entre o cinema e a psicanálise.

Programação do ciclo:

21 de novembro de 2011 – *Edifício Master* – Eduardo Coutinho

22 de novembro de 2011 – *Santiago* – João Moreira Salles

23 de novembro de 2011 – *Crime Delicado* – Beto Brandt

24 de novembro de 2011 – *O Homem que Copiava* – Jorge Furtado

25 de novembro de 2011 – *Lavoura Arcaica* – Luis Fernando Carvalho

Local: Maison du Brésil (7 L, boulevard Jourdan)

Festa de fim de ano

Colega,

Venha comemorar conosco mais um ano de trabalho!

TÉRMINO DE UM CICLO
NOVO COMEÇO
ATO
ENTRE UM E OUTRO
FESTA!

Data: 03 de dezembro de 2011 - Sábado

Horário: 21h

Local: Sede da APPOA

Com DJ, dança, champagne e sequência de mini-porções.

Convites: R\$80,00

Vendas na secretaria.

8. correio APPOA | dezembro 2011

Ata de Fundação de *Convergencia*

I. PRINCÍPIOS E OBJETIVOS

A Psicanálise continua. Fundada por Freud e após a morte de Lacan, ela existe por seu discurso. Esta persistência supõe um ato suplementar, aquele de deduzir do discurso um outro tipo de laço entre psicanalistas.

Pensamos que este novo tipo de laço já foi antecipado por toda sorte de tentativas, mas que encontrará o enquadramento que lhe convém em um movimento que terá por denominação: *Convergencia*, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana.

Este movimento tem os seguintes objetivos:

1. Promover o avanço do tratamento das questões cruciais da Psicanálise, o que exige a retomada da discussão dos fundamentos de sua prática;
2. Para este fim, multiplicar e estimular os laços entre os praticantes, de modo a favorecer a troca e a discussão;
3. Enfrentar desse modo os efeitos nocivos da fragmentação no movimento lacaniano internacional, que o corroem, de modo diverso

temática.

daquele que instaura o laço piramidal e autoritário que caracteriza uma supra-associação.

Não consideramos, *a priori*, a multiplicidade que resulta dessa fragmentação como uma falha. *Convergençia* deverá esforçar-se para preservar esta multiplicidade, sem pretender nem totalizá-la nem unificá-la. Ela se aterá a acolher em seu seio o princípio de uma diferença fecunda presente nesta multiplicidade.

Esta é a razão pela qual são ratificadas as diversas modalidades organizacionais de cada associação-membro. Reconhecemos em ato a diversidade, tanto histórica quanto geográfica, das diferentes posições associativas.

Constatamos que cada uma destas criações institucionais legitima-se, seja a partir de um traço no real da experiência analítica, seja a partir de uma tese sustentada em uma das etapas do ensino de Lacan em sua releitura de Freud. Pode-se assinalar a este respeito que Freud e Lacan não cessaram de reformular e remanejar sua teoria, sem sistematizá-la, isto é, tendo em conta os paradoxos que nela poderiam assim aparecer.

Compreende-se, a partir daí, que as diferentes posições institucionais sejam, em sua diversidade, efeitos deste ensino. Supomos, do mesmo modo, que aquilo que as diferencia não se reduz tão-somente aos efeitos de transferência imaginária com a pessoa de um mestre ou de um fundador.

Reconhecemos em ato, igualmente, o fato de que a transmissão através do texto tornou-se hoje uma modalidade preponderante da difusão do ensino de Lacan. Estamos, entretanto, advertidos de que a transferência com os textos só opera na Psicanálise na medida em que seu discurso é sustentado por uma enunciação, na qual o saber se encontra interrogado pelo efeito didático da psicanálise de cada um.

São esses fatos novos que legitimam a fundação de um movimento que assume sua condição inter-idiomática, porque o reconhecimento da diferença entre as línguas enriquece o trabalho em Psicanálise e permite evitar a hegemonia de uma língua sobre as outras. Dar-se-ão assim, os meios para interrogar os efeitos que as diversas traduções dos textos psicanalíticos

produzem na transferência de trabalho, bem como os efeitos da leitura de um texto de psicanálise na língua de seu autor.

É importante para nós sustentar que, por sua racionalidade específica, a Psicanálise, enquanto “filha da ciência” (Lacan), é chamada a fazer advir o sujeito ali mesmo onde a ciência o forclui, rompendo, assim, com toda e qualquer doutrina que se justifique pelo realismo dos universais.

Será também importante oferecer aos psicanalistas assim reunidos a possibilidade de constituir uma força política capaz de apoiar sua inscrição social nos diferentes contextos onde seu ato toma lugar. Para isto, não cessaremos de lembrar a afirmação de Freud segundo a qual a Psicanálise é laica. Trata-se da condição *sine qua non* para evitar toda e qualquer fossilização de seu discurso e para assegurar uma reinvenção constante da verdade freudiana.

A formação e a nomeação dos analistas permanece responsabilidade de cada uma das associações de *Convergencia*. Nosso movimento favorecerá o tratamento deste paradoxo. Não considerá-lo e não assumir o trabalho com as diferenças encaminharia nosso movimento à entropia e à redundância.

Convergencia sancionará em ato o princípio de uma pluralidade de enlaces heterogêneos entre as associações e os analistas que dela fazem parte.

II. APOSTAS DESTE ATO DE FUNDAÇÃO

Não situamos este Ato de Fundação apenas em relação aos problemas que emergem no coração da instituição psicanalítica, que são, entre outros: a não afiliação dos psicanalistas em relação às instituições psicanalíticas, o isolamento em relação ao movimento psicanalítico, a captura massificante da singularidade em coletivos subservientes ou a dispersão em uma plêiade de grupos.

Estamos também inspirados pela necessidade de encontrar, enquanto psicanalistas, uma réplica adequada às novas formas que o mal-estar na civi-

temática.

lização toma hoje. A nosso ver, elas provêm do desconhecimento de que a relação sexual “não cessa de não se escrever”, como Lacan demonstrou.

A partir disto, podemos caracterizar esse mal-estar, entre outras coisas, por:

- a. a dominância, antecipada por Lacan, da violência segregativa, que agrava as fraturas sociais e agride a dignidade humana;
- b. um conjunto de discursos que engendram práticas sociais visando desconhecer, por todos os meios, o real do conflito psíquico no qual se atesta a dimensão do sujeito como ponto onde aflora o inconsciente. A proliferação da ideologia psicoterapêutica, à qual nos opomos, é seu exemplo mais manifesto. Trata-se de uma das consequências, também antecipada por Lacan, da subserviência das práticas “psi” ao discurso capitalista;
- c. dentre essas práticas destacam-se, muito particularmente, aquelas determinadas pelas tecno-ciências, quando produzem um apagamento da dimensão do sujeito. Tais práticas ilustram-se pela produção de provas que se crêem capazes de substituir a verdade, com a consequência de pretender construir um mundo sem limites onde tudo se tornaria possível. Este discurso organiza, assim, um desmentido do impossível;
- d. distingue-se desta tentativa aquela da religião, que se contenta em obturar a falta que a divisão do sujeito produz, ao esforçar-se em dar sentido ao real, garantindo-lhe um além melhor. Particularmente hoje, na exacerbação das clivagens que um gozo recuperado nos discursos integristas ou nas seitas carrega. Não é se opondo às luzes que a religião poderá limitar os efeitos dessubjetivantes do discurso da ciência;
- e. todos estes discursos produzem enunciados universais tendo por finalidade dar garantias de sua verdade, chegando inclusive a prescindir, de modo cada vez mais sistemático, da enunciação. Acrescentamos que a globalização imposta pela ideologia neo-liberal,

propondo objetos universais de gozo prêts-à-porter, ameaça a subjetivação e a possibilidade de metaforizar;

- f. o mal-estar concretizado pela ação desses discursos testemunha um desejo secular de ultraje à função paterna, hoje cada vez mais acentuado;
- g. tais discursos acentuam o mal-estar que provocam, desconhecendo a dimensão da história. Para isso, dedicam-se, o mais frequentemente, a negar o passado e a reduzir o trabalho da memória a uma simples classificação, sem se preocupar com o recalçamento que toda recensão histórica comporta, nem com o esquecimento que ela, por determinados cortes, perpetua.

III. DEFINIÇÃO DA QUALIDADE DE MEMBRO E DOS PROTOCOLOS PARA ADMISSÃO DAS ASSOCIAÇÕES

1. PRINCÍPIOS REGULADORES DA PERTINÊNCIA DAS ASSOCIAÇÕES

- a. *Convergencia* é constituída por associações e, de início, por aquelas que assinam a Ata de Fundação;
- b. *Convergencia* não se constitui nem como supra-associação, nem como confederação;
- c. *Convergencia*, enquanto um novo enlace, não terá ingerência nas associações-membro;
- d. se eventuais e transitórias maiorias e minorias vierem a se manifestar no seio da Comissão de Enlace Geral, *Convergencia* agirá no sentido de evitar que a minoria tenha que abandonar a comunidade de trabalho.

2. PRINCÍPIOS REGULADORES DA ADMISSÃO DAS ASSOCIAÇÕES

- a. Que o momento da admissão seja considerado uma ocasião de trabalho tanto por aquele que é chamado a ratificar a admissão quanto por aquele que faz a demanda;

temática.

- b. que a associação interessada tenha a oportunidade de dirigir sua demanda, segundo as circunstâncias, tanto à Comissão de Enlace Local quanto à Comissão de Enlace Geral;
- c. que a admissão de uma associação seja definida como a passagem (ao final de um período a ser determinado caso a caso, destinado a assegurar o trabalho em comum com a associação interessada) do estatuto de associação candidata ao de membro de pleno direito.
- d. uma associação que queira fazer parte de *Convergencia* deve engajar-se em um projeto de trabalho e desenvolvê-lo, seja com pelo menos três associações escolhidas entre aquelas que já pertencem a *Convergencia*, seja no seio da Comissão de Enlace Local;
- e. para estar incluída no coletivo de *Convergencia*, enquanto novo membro, a associação interessada deverá obter uma maioria de dois terços dos votos da Comissão de Enlace Geral.

3. RESPONSABILIDADES DA ASSOCIAÇÃO-MEMBRO

- a. Que ela sustente, integralmente, os termos da Ata de Fundação;
- b. que organize as atividades de *Convergencia* agregando-se, se possível, a uma Comissão de Enlace Local, colaborando com suas atividades, as quais ela difundirá entre seus participantes, sustentando-as financeiramente quando necessário;
- c. que ela se esforce para ampliar *Convergencia*, promovendo a integração de novos membros.

4. LUGAR DOS ANALISTAS QUE NÃO PERTENCEM A UMA ASSOCIAÇÃO-MEMBRO DE *CONVERGENCIA*

- a. Participam, um a um, de todas as atividades de *Convergencia*, especialmente nas Comissões de Enlace Locais e Regionais e nas diversas comissões de trabalho. Sua participação, contudo, será sem direito a voto;
- b. *Convergencia* atesta que a decisão de fazer ou não parte de uma associação é singular e pessoal. Ela não será a associação de todas as

associações nem dará garantia de pertinência em substituição a uma inscrição associativa.

IV. MODOS DE ORGANIZAÇÃO

1. COMISSÃO DE ENLACE GERAL

- a. A Comissão de Enlace Geral é constituída pelos delegados de cada associação-membro, que, para isso, designa um delegado titular e dois suplentes. Cada associação dispõe de um voto;
- b. a Comissão de Enlace Geral reúne-se uma vez por ano, alternativamente na América e na Europa, no momento. Trata-se da instância decisória de *Convergencia*, só podendo tomar decisões com a presença de pelo menos dois terços dos delegados das associações-membro. As decisões tomadas podem ser objeto de voto da maioria simples, salvo aquelas estabelecidas na presente Ata de Fundação e que necessitem de uma outra configuração de maioria;
- c. a Comissão de Enlace Geral criará comissões de trabalho e de reflexão que considere úteis ou necessárias para levar a bom termo um ou outro de seus objetivos, conforme o espírito de *Convergencia*. Estas comissões são formadas por, pelo menos, quatro membros de associações diferentes, trabalhando em cartel, e por todos aqueles cuja colaboração for considerada útil ou desejável.

2. COMISSÕES DE ENLACE LOCAL E REGIONAL

- a. Trata-se de outras modalidades de enlace no seio de *Convergencia*, que enlaçam associações de uma cidade, de uma região ou de diferentes países, sem que isto implique hierarquização. Para formar uma Comissão de Enlace são necessárias pelo menos três associações-membro. Se esta condição não for atendida, as associações em apreço referir-se-ão a uma terceira de sua escolha. Esta condição não se aplica às Comissões de Enlace já constituídas no momento da fundação;

temática.

- b. estas Comissões constituem um dos lugares onde o trabalho avança e onde se efetua a gestão de *Convergencia*. Os analistas não associados podem contribuir com o trabalho que nelas se efetua. As diferentes Comissões de Enlace podem constituir redes de trabalho;
- c. as decisões adotadas nestas Comissões, quando necessário, serão tomadas através do voto da maioria simples, seguindo, aqui também, o princípio: uma associação, um voto. Neste caso, a presença de pelo menos dois terços das associações-membro é requerida;
- d. pelo fato de *Convergencia*, ao menos no momento, não dispor de recursos financeiros próprios, as diferentes Comissões de Enlace deverão assumir a responsabilidade de organizar, caso a caso, o financiamento destas atividades, cabendo a cada associação uma quota igualitária no rateio dos custos.

3. MEIOS E FINS

- a. Visando estimular o intercâmbio entre psicanalistas, este será tanto mais fecundo quanto melhor se dispuser dos recursos da palavra nos encontros de trabalho. Para isso serão utilizadas todas as possibilidades oferecidas pelos meios de comunicação;
- b. as atividades realizadas em nome de *Convergencia* serão difundidas, tão logo quanto possível, por meio de diferentes boletins.

V. USO LEGÍTIMO DO NOME

- a. Para que as atividades (cartel, grupo de trabalho, seminário e jornada de trabalho local) possa realizar-se em nome de *Convergencia* e ser inscrita em seus diferentes boletins, basta que duas associações-membro dela participem. Para outras atividades de uma ordem mais importante (congressos e publicações além dos boletins locais), é necessário que pelo menos três associações-membro decidam participar, devendo consultar a Comissão de Enlace Regional mais próxima;

- b. a pertinência a *Convergencia* pode ser notificada em seu cabeçalho por cada associação, e cada associação pode servir-se de *Convergencia* como meio para difundir suas atividades principais, direito que não se dará sem a inscrição efetiva e que cessa em caso de desligamento;
- c. em cada país onde nosso movimento vier a ganhar amplitude, a Comissão de Enlace Local tomará as providências legais para assegurar a exclusividade do nome: *CONVERGENCIA*, MOVIMENTO LACANIANO PARA A PSICANÁLISE FREUDIANA, o que também deverá ser obtido no plano internacional.

VI. MODIFICAÇÕES ESTATUTÁRIAS

- a. A presente Ata de Fundação contém os princípios diretivos que tentam definir o espírito no qual o movimento de *Convergencia* foi instituído, assim como suas modalidades organizacionais;
- b. a Comissão de Enlace Geral pode proceder a uma modificação estatutária, desde que disponha, para este efeito, de uma maioria de dois terços de votos das associações-membro e que esta modificação não seja contrária ao espírito que presidiu a fundação de *Convergencia*. Cada proposta de modificação estatutária deverá ser anunciada com antecedência e figurar na pauta da Comissão de Enlace Geral;
- c. a dissolução de *Convergencia* exige o voto favorável de setenta e cinco por cento das associações-membro.

Barcelona, 3 de Outubro de 1998.

Estrutura e contemporaneidade: o pai e o sintoma no tempo social e no tempo de análise^{1,2}

Luciano Elia³

É Lacan que nos indica que o analista deve se ocupar das questões de sua época, com o que concordamos sem hesitação, pois o inconsciente, já em Freud, mais ainda com Lacan, não é uma essência que atravessa, intangível, o tempo e a história, a política e as questões sociais.

¹ Este trabalho foi inicialmente apresentado no II Colóquio Franco-Brasileiro de Psicanálise, realizado em Lyon, França, nos dias 11 e 12 de novembro de 2011, sob os auspícios das instituições convocantes de *Convergencia*, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana. Da França: Analyse Freudienne, Dimensions de la psychanalyse, FÉDÉPSY, e, do Brasil: APPOA - Associação Psicanalítica de Porto Alegre, IPB - Interseção Psicanalítica do Brasil, LAEP - Laço Analítico Escola de Psicanálise, Práxis Lacaniana Formação em Escola

² O presente trabalho foi escrito originalmente em francês, sob o título *Structure et contemporanéité: le père et le symptôme dans le temps social et dans le temps de l'analyse*, e a presente versão em português, revisada pelo autor, é de Vânia Beatriz Conde Moraes, psicanalista, membro do Laço Analítico Escola de Psicanálise (Brasil).

³ Psicanalista, membro do Laço Analítico Escola de Psicanálise (Brasil), instituição membro de *Convergencia*, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana.

temática.

No entanto, é precisamente neste ponto de articulação da psicanálise e da cultura que reside o maior e o mais grave risco de *descarrilhamento discursivo e babaquice (déconnage*, para usar aqui um neologismo caro a Lacan, ou seja, uma *baboseira*, um *besteírol* – um discurso frágil e facilmente desmontável). Não é raro ouvir os analistas lacanianos, numa visada precipuamente sociologizante e também moralizante (pois uma leitura, por ser sociológica nem por isso é também e forçosamente moralista) denunciarem o que consideram uma degradação na vida das pessoas que seria própria à contemporaneidade, resultante, segundo eles, da queda do nome-do-pai, o famoso declínio do nome-do-pai de que nos fala Lacan, como se este declínio em Lacan não fosse uma operação interna ao discurso e à experiência analítica, um efeito de análise conduzida aos seus passos mais avançados, e que corresponde, na doutrina, à pluralização dos nomes-do-pai e suas conseqüências. O corolário disso é a afirmação da prevalência do gozo, imediato e indefectível, sobre o desejo no mundo atual, oposição cujo mote imaginário e ideológico é suficientemente evidente, pelo fato de polarizar estas duas categorias (desejo e gozo) como o bem e o mal, como se “bem” e “mal” não fossem constitutivos, por estrutura, do desejo e do gozo, a um só tempo, como se um sujeito neurótico *fodido e mal pago* não o fosse por obra de seu desejo inconsciente, que o comanda e o faz enfiar-se até o pescoço num gozo que lhe é o mais devastador, ou como se um desejo que lhe resulta em uma boa satisfação pulsional não merecesse o atributo do mais exuberante dos gozos!

Os analistas pressurosos em denunciar a contemporaneidade como uma má época estão sempre prontos, em sua impotência, a lamentar o que se lhes afigura como uma impossibilidade de colocar a prática psicanalítica “em um mundo como este”. Ora, é justamente aí que, mais do que nunca, precisaria haver analista à altura de aguentar o tranco, sustentar seu ato e sua palavra, seu discurso e fazê-los incidir sobre os modos atuais de sintomatizar, de demandar, de desejar e de gozar.

O que temos diante de nós são modos particulares, estes sim próprios à contemporaneidade, de resistência dos próprios analistas à psicanálise, como de fato sempre existiu, mas que precisamos apontar.

O ato psicanalítico não pode depender das condições sociais, porque suas condições são as da estrutura, ou seja, do discurso. A relação estabelecida por Lacan entre estrutura e laço social, e articulada como um *discurso sem palavras*, deixa bastante claro que o ponto de ancoragem de toda articulação possível destes dois campos – a psicanálise e a cultura, a sociedade – deve situar-se em um plano lógico diverso daquele em que se faria a mera aplicação das categorias conceituais de um campo para outro, o que constituiria, respectivamente, por um lado, a mais ingênua psicanalização da sociedade e, por outro, a sociologização da psicanálise, ou, para nomear por um nome que fez escola, o culturalismo, que sempre foi objeto de tentativas e tentações de analistas de todas as gerações (o culturalismo tampouco é uma novidade, não é exclusivamente contemporâneo, ele se reedita de tempos em tempos). Lacan se colocou em guarda e nos advertiu contra isso em diversos momentos de seu ensino, especialmente quando se empenhava em promover a ordem simbólica, (que é evocada pelos nostálgicos do nome-do-pai agora degradado), a ordem do significante na experiência do homem, o ser falante, porque ele teme, e com razão, que esta promoção possa levar a uma postura culturalista por falta de rigor.

Precisemos que esta promoção da relação do homem com o significante como tal nada tem a ver com uma posição “culturalista” no sentido corrente do termo [...]. Não é da relação do homem com a linguagem como fenômeno social que se trata, e nem mesmo de uma questão de algo que se pareça com a psicogênese ideológica que conhecemos e que não chega a ser superada pelo recurso peremptório à noção totalmente metafísica, por sua petição de princípio de apelo ao concreto, que é derrisoriamente veiculada sob o nome afeto (Lacan, 1960/1998, p. 696).

temática.

A afetização não barra a ideologização: nem a ideologia social com seu correlato psicológico nas ideias do eu, nem o afeto pretensamente essencial e livre dos constrangimentos sociais da ideologia são capazes de dar as coordenadas do inconsciente freudiano, esta *outra cena* cujas leis regentes devem ser retomadas a partir da palavra de Freud, para “reencontrar [...] os efeitos que se descobrem no nível da cadeia de elementos materialmente instáveis que a linguagem constitui” (ibid, p. 696).

Tomar em ato o inconsciente freudiano implica, pois, abster-se dessas interpretações culturalistas-moralistas, segundo as quais o mundo presente, o nosso tempo seria menos receptivo que qualquer um outro à psicanálise. Se a psicanálise é um sintoma do mundo atual (e aqui deve-se considerar o tempo e a história da civilização, mas de forma alguma ao modo culturalista) ou, nas palavras de Lacan, “o ponto do tempo a que chegamos com tudo isso”, que pode, como tal, desaparecer como tal, e marselhesamente expirar como “o triunfo e a glória” da religião, não será por causa desta vil contemporaneidade, e essa possibilidade de desaparecimento sequer deve ser considerada lamentável.

Queremos partir destas primeiras colocações cujo objetivo é construir uma clara direção discursiva para o que desenvolveremos a seguir, trazer algumas notas sobre a estrutura, a temporalidade, o pai e o sintoma.

Para começar pela temporalidade na estrutura, tomaremos a *Observação sobre o Relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”* (Lacan, 1960/1998). Neste trabalho, Lacan apresenta a estrutura do significante como a única no mundo que pode suportar a coexistência da relação da desordem com a ordem (nesta ordem) como respectiva à relação da sincronia com a diacronia. A sincronia do significante é um conjunto de elementos discretos, computáveis e intercambiáveis, mas que nem por isso são necessariamente ordenados, ou melhor: em sincronia, eles estão forçosamente em desordem, mas esta desordem constitui precisamente o fundamento mesmo de uma ordem absolutamente rigorosa e indestrutível que subsiste na diacronia – ordem a ser concebida como sucessão, ordina-

lidade, e não como uma organização, um corpo, ou até mesmo conteúdo consistente. O que é ordenado, associativamente, na diacronia, depende das condições estruturais da desordem da sincronia. Esta relação entre desordem e ordem, nesta ordem, não é de modo algum trivial, e, repetindo a advertência de Lacan, é um relação exclusiva do significante, a única estrutura no mundo capaz de suportar essa coexistência. A ordem a mais indestrutível (que nos evoca o desejo indestrutível que Freud atribui ao inconsciente através do sonho, e com a qual conclui a *Traumdeutung* – construída sobre os traços do passado e projetada no futuro atravessando a vida toda como um só e mesmo desejo – *Ebenbild*), enfim, esta ordem mais indestrutível que se desdobra na diacronia (a metonímia) só o é por ser determinada pela desordem sincrônica da comutatividade significante.

No eixo traçado por este mesmo vetor – a estrutura do significante e suas relações com a temporalidade – mas em outro escrito, lemos que o significante é a causa sem a qual “não haveria algum sujeito no real” (Lacan, 1964/1998, p. 849). O sujeito “não é causa dele mesmo, mas traz em si o verme da causa que o cinde” (ibid). O sujeito “é absolutamente nada” antes que ele (o primeiro significante que é a sua causa) se enderece a ele e que, por este fato, ele desapareça sob o segundo significante, aquele para o qual o primeiro o representa. Mas, continua Lacan, “esse nada se sustenta por seu advento, produzido agora pelo apelo, feito no Outro, ao segundo significante” (ibid, p. 849). O sujeito está referido a dois modos de nada: o primeiro, nada absoluto, e o segundo, um nada sustentado pelo advento do sujeito por um apelo feito no Outro

O sujeito assim causado, entre estes dois modos do nada totalmente diferentes em função da intervenção do significante que ocorreu entre eles “*traduz* uma sincronia significante essa pulsação temporal primordial que é o *fading* constitutivo de sua identificação”. Traduzir a sincronia (a mesma que no primeiro escrito que tomamos, Lacan identificou à desordem) em pulsação temporal primordial – atenção – isso *ainda não é* a diacronia, mas sim o *fading*, a afânise do sujeito, seu recalçamento originário em S2. Estamos

temática.

ainda no primeiro movimento, a alienação, para nomear por seu nome, que, entretanto, não é empregado por Lacan nesse escrito, mas que abunda no seminário que é seu correlato, o seminário XI, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Traduzir uma sincronia em uma pulsação temporal é o passo que precede e prepara o segundo movimento, a separação do sujeito em relação ao Outro. Citemos Lacan:

Mas no segundo [movimento], o desejo⁴, fazendo seu leito no corte significante em que se efetua a metonímia, a diacronia (chamada “história”) que se inscreveu no *fading* retorna à espécie de fixidez que Freud atribuiu ao voto inconsciente (ultima frase da *Traumdeutung*). (Ibid, p. 849)

Pode-se ler claramente no escrito de Lacan que a diacronia, chamada de “história”, que entra em jogo no segundo movimento, inscreveu-se no *fading* do primeiro movimento. O *fading* inscreve a história, é pelo efeito do recalçamento originário que a história se inscreve, e que se desdobra a ordem do desejo e da fixidez (característica indestrutível do desejo inconsciente). Estamos assim no cerne de uma antinomia lógica da qual se pode dizer que ela é crucial: a História, o movimento diacrônico, onde em uma lógica trivial, estaríamos no direito de esperar as transformações, o advento do novo, o que encontramos é a rigidez, fixidez do desejo, o mesmo (*Ebenbild*). Em contrapartida, na sincronia, na qual, de acordo com a mesma lógica tradicional, estaríamos no direito de tomá-la como fixa, instantânea, imutável, encontramos, na lógica do significante, abertura à mais intercambiável comutatividade do inconsciente, único caminho possível para o sujeito do inconsciente que se sabe efeito da fala “por não ser outra coisa senão o desejo do Outro”. A sincronia reabre à mobilidade do novo. Essas observações deveriam advertir os analistas (e os analisantes) que,

⁴ Viva! O desejo finalmente faz sua aparição pela primeira vez no texto. Observemos que o desejo só entra na abertura do segundo movimento, permanecendo eludido no primeiro.

ingênuos, mas não inocentes e sobretudo muito equivocados no rigor de Lacan, celebram leviana e precocemente seus “movimentos” de separação do Outro (aqui tomado como suas análises) o que muitas vezes precipita interrupções da análise tomadas como fim de análise, que não seria nada mal, em meio ao “festival de separação” retomar a aspersão de uma nova onda de alienação que lhes poderia abrir o inconsciente e seus benditos efeitos propiciados pela sincronia da fala.

Essas relações entre sincronia e diacronia, que ocorrem apenas na lógica do significante, evocam uma metáfora de Freud, que sempre foi um lógico de primeira grandeza. Para explicar o processo do sofrimento mental em sua XXXI^a Conferência da série das *Novas conferências sobre a psicanálise*, intitulada *A dissecação da personalidade psíquica*, Freud diz:

Se atirmos ao chão um cristal à terra, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz segundo as linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam determinados pela estrutura do cristal. (Freud, S. 1933[32] /1969, p. 77)

Trata-se, aí, de uma estrutura, no sentido mais preciso do termo: uma estrutura significante cuja sincronia contém, ainda que em desordem, a ordem invisível que se revelará na diacronia. Não há, ao que nos parece, nenhuma outra maneira de captar os movimentos, as relações, os avanços e os retrocessos do discurso analítico no mundo contemporâneo.

O *mundo contemporâneo* – dissemos, ou seja, o nosso tempo. No momento de seu ensino que é, de todos, o mais marcado pelo espírito dialético que não cessamos de encontrar em um primeiro grande ciclo de seus escritos, Lacan fala da “obra do psicanalista” em termos muito incisivos:

Que renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que

temática.

o compromete com essas vidas num movimento simbólico. Que ele conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas. Quanto às trevas do mundus ao redor do qual se enrosca a imensa torre, que ele deixe à visão mística a tarefa de ver elevar-se ali, sobre um bosque eterno, a serpente putrefaciente da vida (Lacan, 1953/1998, p.322)

Um psicanalista não é alguém que opere uma função “privada”, no sentido em que este termo converge com o plano do individualismo ou do indivíduo isolado, as relações ditas “a dois”, e inclusive os caprichos da elite. Não, a psicanálise não é tributária do individualismo. O íntimo não é o privado, e podemos até mesmo sustentar que a estrutura transindividual do inconsciente, como Lacan sugere em seu Seminário XI, convoca o registro do público, que é para todos, “acessível e aberto a todos”. O inconsciente não pertence ao repertório do “privado” porquanto este deriva de um recorte artificial e imaginário do Outro Social, definido por um sentido conhecido ou convencionado e partilhado por alguns poucos. O inconsciente não é um *privilégio* – o que resulta de uma lei (*legis*) do privado (*privi*). A indispensável dimensão de liberdade que o analista é em relação a questões comerciais e de mercado atestam antes de sua posição marginal em relação à ordem social e econômica que de uma submissão à esta ordem da qual ele seria beneficiário.

Na segunda lição do seminário XVI – *De um Outro ao outro* – Lacan (1968[69]/2008) dirá que a estrutura é o real. Lacan está no curso de um movimento de discurso que opera a redução do Outro, movimento sem retorno: de um Outro ao outro, prenhe de consequências. “O que eu digo postula a estrutura, porque visa, como afirmei da ultima vez, a causa do próprio discurso. [...] Estabelecer o discurso de forma diferente desta não será um procedimento psicanalítica. A questão que se coloca para a psicanálise é, a partir disso, a de saber se ela existe ou não existe” (ibid, p. 31) Existir é algo que serve para durar, consistir. Mas, mesmo se não é seguro

26. correio APPOA | dezembro 2011

que a psicanálise “exista”, “há por outro lado uma coisa pela qual ela se afirma indiscutivelmente. É que ela é o sintoma do ponto do tempo a que chegamos no que chamarei, com uma palavra provisória, de civilização” (ibid, p.31).

A psicanálise é um sintoma da civilização. Isso não significa que a psicanálise teria que se conformar á cultura, tomar suas formas, submeter-se às condições sociais para responder a elas e perguntar-se: como ser analista em um mundo capturado pelo gozo imediato, que elide a autoridade parental, que recusa a lei?

A partir de um dado momento de seu ensino (momento que é o corolário de um trabalho muito árduo de ser colocado em curso através dos seminários que se seguiram ao Seminário XI, ou seja, o ano de 1965-1969, Lacan já não pode manter a posição que ele sustentava no Seminário V (As formações do inconsciente), aquela de que a lei é:

aquilo que se articula propriamente no nível do significante, ou seja, o texto da lei [...] Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o outro no Outro (Lacan, 1957[58]/1999, p.152).

Neste ponto de virada de seu ensino, é-lhe preciso colocar que o simbólico não pode suportar o simbólico, o significante não pode autenticar, por ele mesmo, o estatuto da lei. É assim que, em seu seminário XVII *O avesso da psicanálise*, repelindo a tese (também da universidade, porque tinha sido defendida perante uma banca de tese) que a castração seria uma fantasia, Lacan afirma:

O que está no lugar do real, a castração, é a operação real introduzida pela incidência do significante, seja ele qual for (e não necessaria-

temática.

mente o significante nome-do-pai, como era antes), na relação do sexo. E é óbvio que ela determina o pai como esse real impossível que dissemos” (Lacan, 1969[70]/1992, p. 121.)

A castração é a operação do pai real que produz a causa do desejo “não há causa do desejo que não seja produto desta operação [...] A castração não se coloca, portanto, no nível da fantasia, e a fantasia é que domina toda a realidade do desejo, isto é, a lei”. (ibid,p.121). A lei torna-se, neste momento da elaboração analítica de Lacan, coextensiva da realidade do desejo e da fantasia, coloca-se neste nível, que não é o nível da causa, ou o lugar da castração. Esta disjunção entre lei e castração é crucial, pois é o que faz com que a castração ocupe o lugar primordial na estrutura em relação ao pai simbólico (o nome-do-pai) e em relação à lei. No lugar de um significante primordial supostamente capaz de assegurar a lei, é uma outra topologia, a dos nós – ou seja, uma topologia que não poderia privilegiar um dos três registros em detrimento dos outros – que será posta em primeiro plano. Resulta disso a inexorável pluralização do nome-do-pai, reescrito *non-dupes errant*.

Um sintoma é o que responde a um certo real. Se a questão é a de saber se a psicanálise existe é porque ela não existe como uma entidade de saber, e, tal como o sujeito – que não é um *ente* mas um *ser falante*, um ser que só se realiza desaparecido, abolido sob seu próprio dizer – a psicanálise só é em ato, o ato do analista. Face ao mundo contemporâneo, não cabe perguntar “como é que podemos analisar?”. As questões deste tipo não derivam da posição do analista em seu discurso, que o levaria antes a intervir, de sua posição de objeto mais-de-gozar em função da causa do desejo ao lugar do semblante e interrogar o sujeito que goza e que deseja segundo essas formas e particularidades que se apresentam hoje. O analista, portanto, hoje como sempre – e talvez mais do que nunca – para relançar o seu ato, o ato analítico, o único capaz de dar à psicanálise seu particular modo de existência.

Referências bibliográficas

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, 1933[32]. Conferência XXXI – A dissecação da personalidade psíquica. In: FREUD, S. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira, Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

LACAN, J. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise (1953). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O seminário, Livro V, As formações do inconsciente* (1957/1958). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

_____. A significação do falo (1958), In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade (1960). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval (1964). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O Seminário, Livro XVI, de um Outro ao outro* (1968/69). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *O Seminário, Livro XVII, O avesso da psicanálise* (1969/70), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

O furo pelo qual se motiva a ideia do todo^{1,2}

René Lew³

Eu já comentei pelo menos cinco vezes este texto de Lacan que serve como resumo de seu seminário O Ato Psicanalítico, e uma sexta vez está à espera⁴ (sem falar do presente comentário), sobre tal ou tal parte. Abordarei aqui um outro ponto do texto do que aqueles estudados anteriormente, um ponto relacionado à discussão começada durante o colóquio de Dimensions

¹ LACAN, J. Compte rendu du séminaire L'acte psychanalytique, *Autres Écrits*. França: Seuil, p. 379.

² Texto traduzido do original em francês por Luciano Mattuella.

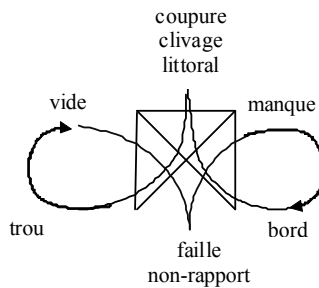
³ Membro de *Dimensions de la Psychanalyse*.

⁴ Em 1992, colloque Lysimaque sur "L'acte psychanalytique": "Aussibien l'acte lui-même ne peut-il fonctionner comme prédicat" (cf. *Autres écrits*, p. 378); em 1995 (s.r.), séminaire sur le transfert, Bruxelles, commentaire de l'aphorisme "pas de transfert du transfert", et de la référence qui, pour lui servir d'appui, est donnée ici pour l'unique fois (ibid., p.383); em 2002, colloque de Dimensions de la psychanalyse sur la formation du psychanalyste, "Théorie de la limite fondatrice en psychanalyse, son rapport à la formation du psychanalyste"; em 2008, colloque de Dimensions de la psychanalyse: "Désidentification et désaification" (ibid., p. 379); em 2011, en réponse à un argument de Frédéric Dahan pour un colloque, "L'illisible entre psychiatrie et acte analytique", "Qu'est-ce que lire en situation de psychose?" (ibid., p. 382 sur l'illecture); em 2012: participation aux mercredis du Cercle freudien, "L'incurable" (ibid., p. 381).

temática.

de la Psychanalyse, no 8 de outubro passado, a propósito do universal e dos universais. Irei também no sentido do que já comecei a precisar ontem na Lysimaque a propósito do nominalismo e do realismo⁵.

A opinião de Jeanne Lafont, expressada no colóquio de *Dimensions de la Psychanalyse*, relativa ao fora do campo de visão⁶ (*hors point de vue*), cujo conceito eu advogo, era que o fora do campo de vista, quando se procura uma apreensão do conjunto da estrutura, abriria ao universal em um risco totalitário (sublinhado por Frédéric Dahan, que aí integraria o escape⁷ [*échappement*], se este estiver falhando)⁸. Ora, considero que o fora do ponto de vista, integrando o héteros (os lógicos dizem “desviantes”, segundo Quine) não totaliza nenhuma lógica canônica. Não somente meu uso do quadrângulo lacaniano integra o vazio como função de abertura (bem marcada pelo conceito de escape), mas também a contingência, ambos se desenvolvendo em estrutura de esvaziamento da fundação e da incerteza sobre a produção⁹. Para mim (seguindo Lacan), o vazio se inscreve em falha na estrutura e esta falha se transcreve em falta no real, fazendo borda ao furo que o litoral (como clivagem colocando em continuidade os elementos que ele separa) esburaca enquanto corte.



⁵ LEW, René. “Nominalisme, idéalisme, anti-ontologie”. Lysimaque, 15 de Outubro de 2011.

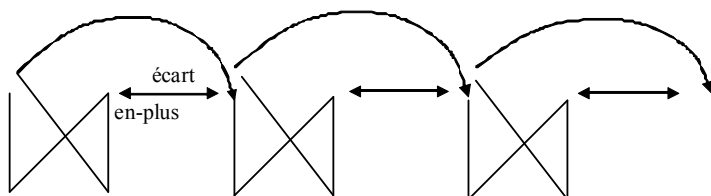
⁶ LEW, René. Le hors point de vue, Lysimaque, no prelo.

⁷ LEW, René. L'échappement ou Le ratage signifiant au centre de la cure ou Comment jouer de négativité à bon escient, *Convergencia*, Buenos Aires, Abril de 2011.

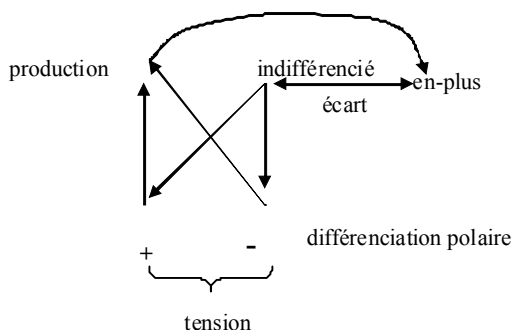
⁸ Eu deixo em suspenso a preocupação de afinar cada uma dessas proposições - a fim de que nós avancemos este debate.

⁹ Cf. LEW, René. L'incertitude du signifiant. Montréal, 23 de Outubro de 2011.

Quanto à contingência, eu inscrevo o propósito no caminho subjetivo que, enquanto uma decisão se apresenta ao sujeito, implica a necessidade de escolher sem que a escolha esteja suportada ou que se saiba a que ela leva – de modo contingente, precisamente –, mesmo se o real que determina se imponha como tal (com seu peso de impossibilidade) ao sujeito que não pode mais. Esta contingência fazendo laço com a necessidade organiza uma lacuna daquela com o real que é produzido pelo modo que eu acabo de descrever. Esta lacuna (*Enstellung*¹⁰) invalida toda a inclinação do absoluto de totalização, de universalidade – e mesmo de fundamento assegurado por antecipação.



É sobretudo o escape com relação ao indiferenciado produzindo um a mais (*en-plus*) que permite novamente escapar à totalização.

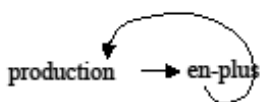


¹⁰ Em alemão, no original (N.T.)

temática.

Vou então sustentar novamente minha concepção de estrutura lógica do sujeito em sua relação às coisas a partir do resumo do seminário de 1967-68 feito por Lacan.

Este laço do contingente com o necessário, que acabo de evocar, Lacan o aponta de início a propósito “do momento eletivo em que o psicanalista passa a psicanalista” (p. 375). Eu diria que esta passagem, de contingente que ela é inicialmente, torna-se necessária a partir do momento em que é efetuada. Que um ato esteja aí em jogo, nada de mais certo, que mude o real, ao fazê-lo depender – a cada etapa do tratamento – de um a mais (*en-plus*) que suporte por sua vez a função que ele induz.



Isto indica bem o modo de reversão (retrogradiente) que articula também a contingência à necessidade.

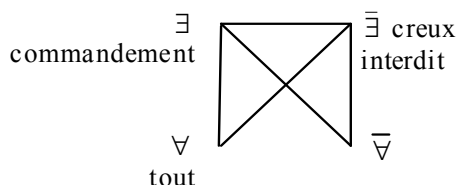


Esta reversidade é recursiva, pois implica em sua ação, aquilo que ela espera produzir. E aquilo que ela espera produzir, no ato, é “mudar o sujeito”, e mesmo dar-lhe existência e consistência no seio de um mundo que o olhar novo do sujeito poderá modular de modo diferente. A recursividade é assim mais garantida quando ela opera após um dizer (rico em nomenclatura): (dizer – (função de ato-sujeito)). Esta recursividade está explicitamente implicada por Lacan em sua proposta: “O ato psicanalítico parece propriamente a reverberar mais luz sobre o ato do que aquilo que seja ato a se

reproduzir [à se produzir], do fazer mesmo que ele comanda”⁹. Certamente o discurso de Lacan substantiva demais as funções, melhor seria conservar os verbos (dizer, fazer, agir ou, mais exatamente: fazer ato de), o esvaziamento funcional aí seria mais garantido.

Entretanto, o escape se assegura já aqui de uma involução (este termo tomado da Lógica do fantasma) marcada como destituição (p. 375 ainda). O só-depois (*après-coup*) vem aí, de fato, como antecipação, não sem escolha, uma vez que ele se trata “de decidir se a retransmissão pode ser colocada em ato tal como ele destitui no final o sujeito [suposto saber] que o instaura [e, reversamente: que ele instaura]” (ibid). Este só-depois é retrogradiente no ato de antecipar por projeção sobre o que ele seria suposto induzir: que a destituição do sujeito (suposto saber) se apresente como a (naquilo que concerne o que se trata do analista deste sujeito reversivo entre analisante e analista). Está aí toda a involução. Antecipação: esta destituição experimentada (provada?) pelo analisante no fim do tratamento, ele lhe dá como visada de sua posição de analista enquanto passa ao ato sobre o outro lado. Também o ato é ele bem estritamente reversivo. E nesta reversão o sujeito passando a analista se informa ele próprio de um porvir da destituição – um porvir em tanto que falta.

Este objeto *a*, Lacan o qualifica de em-si, ao menos enquanto que marca de uma consistência lógica (p. 375, repetido na p. 377: “nada indica que o objeto *a* não tenha uma consistência lógica que se sustenta de lógica pura”).



⁹ Ibid. Grifos do autor.

temática.

Mais diretamente: não há ato que não do objeto *a*; entendamos: uma falta feita objeto. Aquilo que falta sublinha objetivamente que o Outro não tem existência garantida e, mais ainda, se há alguma garantia, é de sua inexistência – se pelo menos “garantia” aqui significa: colocação em jogo significante. Uma vez que não há significante que na recursividade dê seu lugar a um outro, o que não garante nada, nem mesmo a passagem metonímica de um significante a outro. Esta recursividade faz com que a estrutura do Outro dependa de uma lógica que implique que esta estrutura “não vá recobrir-se a si própria” (p. 377). Ao inscrevê-la como S(A barrado), este não recobrimento é certamente recursivo¹⁰, uma vez que aquilo que é produzido não é senão que a estrutura de uma involução específica do trabalho significante.

Insisto: é a recursividade do significante que se inscreve em furo contra todo universalismo. Por aí não há psicanálise e tratamento psicanalítico que não na singularidade que uma posição analisante assumida e bem conduzida possa impor. Se julgarmos pela repetição do termo “comanda(r)” que tinge regularmente este texto – e que eu não comente aqui apesar de todo o interesse que teria em considerar esta modalidade deontica do imperativo e da obrigação (exigência pulsional, obrigação do advento subjetivo, comando do supereu, imperativo do gozo, etc), as quais deslocam pela sua diversidade e pelo seu impacto todo princípio de diretividade significante monomórfica e então de direção do tratamento especificado pelo avanço e unilateralmente. Em face do que, não há nada de universal, nem mesmo o que Lacan chama “de psicanalista” (*du psychanalyste*)” (p. 378).

De todo modo, falar de lógica, como o fez Lacan, não basta. Ainda deve-se especificar sobre a aquilo entre a série de lógicas “desviantes” – ou, se não, ela fica a construir a partir destas “razões” no meu ponto de vista incontornáveis que são a reversividade, a recursividade, a imprevisibilidade, a impredicabilidade, a contingência...¹¹ Para sublinhar a reversividade de

¹⁰ Cf. “Pas sans S(A barrado)”, Actes de l’E.C.F. no. 18, 1990.

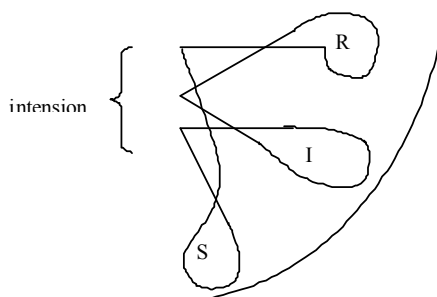
¹¹ LEW, René. “A incerteza do significante”, Montréal, 23 de Outubro de 2011.

significante, eu direi que o esvaziamento contrabalança o universal, mais, entretanto, funda-o.

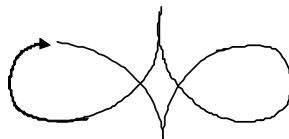
A dificuldade com a qual se confronta Lacan é, entretanto introduzida pela sua própria linguagem, essencialista, ao menos em sua forma. Uma vez que “objeto *a*” não é O objeto *a*, nem do objeto *a* (*de l’objet a*), mais *um* objeto *a*. Uma tal linguagem essencialista parece contradizer a involução e a recursividade significantes, mas é de fato para aí voltar desde que possível.

Resta que no fundo da afirmação de que “o psicanalista se faz de objeto *a*. Se faz, a entender: se faz produzir de objeto *a*, com o objeto *a*” (p. 379), subsiste a questão de precisar como opera esta produção. Um índice e um modo de acercar-se da resposta a esta questão leva em conta os quantificadores.

Sabe-se que eu prefiro cotificação (ou quotificação), forma (modal, certamente) de organizar a dialética funcional intensão/extensões¹².



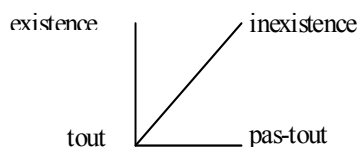
Esta dialética, eu já a precisei como a colocação em continuidade dos modos de esvaziamento.



¹² “Cotificação” vem de “cota”, tradução de Betrag de Freud: Affektbetrag = cota afetiva (Freud em francês: valeur affective [valor afetivo]).

temática.

Este modo – dado aqui, como “o furo pelo qual se motiva a ideia de todo” (ibid), mais além desta razão constitutiva – torna caduca a própria totalidade, que não se produz que a fim de desaparecer ou, pelo menos, de ser contrabalançada por, digamos, suas negações: não-toda, existência, inexistência, como modo de involução do todo.



De todo modo, o eixo dominante é aquele do amor pelo objeto (entretanto também a interdição do incesto e operando de universal à inexistência). É portanto o mérito dos quantificadores não satisfazer à uma apreensão (do sujeito, digamos) no universal (ibid)? De todo modo, para Lacan, não há “ideia do todo” que tenha como levar em conta ao mesmo tempo estes modos negativos do todo.

Ao partirmos do a corre-se o risco de cair na interpretação paranoica do todo. Daí a elação quase parafrênica do negador na síndrome de Cotard em que o desmentido (*Verleugnung*¹³) que aí opera atinge preferencialmente o objeto a (o supra-numérico). Mas o ato analítico permite experimentar positivamente a estrutura da perda conclusiva de um tratamento analítico ao supor que este objeto caído (mais além de ter sido perdido) seja recolocado em jogo pela palavra terceira do passe. No mínimo, o objeto focaliza esta passagem, notada caso contrário como maníaco-depressiva por Lacan. Daí, novamente, a importância de Cotard.

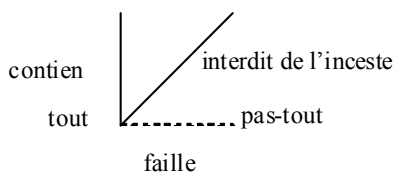
Apesar da opinião de Lacan, não concebo, entretanto que possa existir um cúmulo da experiência analítica, uma vez que ele não poderia (à diferença do que implica a capitalização da mais-valia) haver acúmulo do obje-

¹³ Em alemão, no original (N.T.)

to a como mais-de-gozar (*Lustgewinn*¹⁴). Como alguém poderia, de fato, apropriar-se do mais-de-gozar de um outro? Tanto o mais se pode extrair-lhe a mais-valia que ele produz – para transformá-la de valor em uso em valor de troca. Quanto ao mais-de-gozar, ele não é nem de uso e nem de troca, salvo talvez negativamente no amor quando “eu te demando recusar o que eu te ofereço, uma vez que não é isso”. Em que tomar o excesso de gozo de um outro (se isso fosse possível) me ajudaria em algo nas dificuldades que experiencio face ao meu próprio gozo? Aqui somente o narcisismo primordial da identificação paterna opera e nada do gozo objetivado (ou pelo menos objetalizado) como Outro.

*

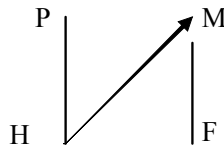
Retomemos, para desenvolver em detalhes, este argumento que Lacan coloca então logicamente sob a forma que eu retranscrevo segundo a compreensão que tenho: uma falta (um furo) é necessariamente do todo, e o todo suporta por este apoio as oposições que lhe são feitas. Notemos de passagem que três anos mais tarde, escrevendo “O aturdido”, Lacan apresentará menos uma falta do que um vazio existencial (metaforizado pela incorporação do “Um-Pai”) fundando o universal e contendo a extensividade. Entretanto, eu não penso que a segunda destas opções lógicas apague a primeira. São dois modos da desconstrução/construção. Um parte do “conteúdo” do universal proposicional (e não menos modal) para a existência modal, o outro, do interdito do incesto. O terceiro modo é aquele da falha como não-relação sexual entre o todo e o não-todo. Mas de fato, esta falha impede todo laço direto do não-todo ao todo.



¹⁴ Em alemão, no original (N.T.)

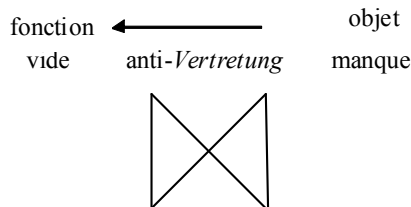
temática.

O lugar deixado furado pela queda do objeto a no fim do tratamento é aquele, ôntico, da impossibilidade (no que concerne o real) e, deôntico, do interdito (no que concerne ao incesto). E a função existencial (intencional) do Pai restringindo a expansividade da extensão universal. Tudo isto é legível em “O Aturdido” (em particular a metáfora do incesto para especificar o laço da verdade com o real). Ora, o eixo do interdito do incesto é também aquele do amor (masculino, segundo Freud) pelo objeto (materno).

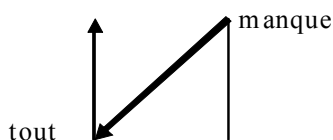


É, insiste, sobre a passagem do vazio à falta – e retorno (pela litoralidade da borda) ¹⁵.

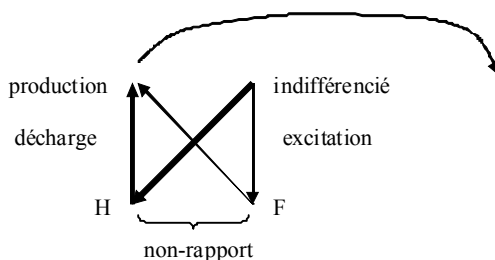
Sigamos então a proposta de Lacan de Junho de 1969 (a redação deste resumo se situa pelo fim do ano universitário em que Lacan manteve o seminário De um Outro ao outro). Como se produz a psicanálise a partir do e com o objeto *a*? Dito de outro modo, como, de uma parte, se faz a passagem inversa nos mesmos termos, daquilo que é construção do mundo, do Outro, e do discurso, esta construção indo da intensão significante à extensão objetual? E, de outra parte, esta passagem inversa não passaria também pelo interdito do incesto e o laço do conteúdo da extensão significante pela palavra?



¹⁵ Há tempos Lacan havia avançado sobre esta questão da colocação em furo do sujeito, em sua “Remarque sur rapport de Daniel Lagache”, em *Écrits*, Seuil, em particular, pp. 668-670, 677.

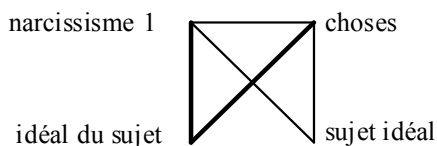


Note-se que a segunda opção corresponde por uma parte à passar da indiferente ao diferente (em particular sexual) pela via da excitação e da diferenciação à produção pela via da descarga.



Novamente uma opção de *désaifiction* (*désaifiction*). “A amostra corporal”, da qual fala Lacan a este respeito (ibid) é mais presente na síndrome de Cotard. Isto demanda ao psicanalista (e sobretudo ao psicanalisante no passe) de deixar de lado pulsão, moção pulsional, e defesa com a respeito da pulsão. A psicanálise não poderia de todo modo ser um pai ao estilo Shylock.

Em “substância”, as coisas do mundo concernem o sujeito ideal, idealisante e idealista ele próprio.



– mas na recursividade fundando esta estrutura do conjunto do sujeito (fora do ponto de vista) fora de toda ontologia.

Do analista sintoma ao analista-*sinthoma*: uma posição ou uma peculiar colocação em ato de linguagem na transferência?¹

María Borgatello de Musolino²

Una esperanza se hizo una casa y le puso una baldosa que decía:
Bienvenidos los que llegan a este Hogar. Un fama se hizo una casa y
no puso mayormente baldosas.

Un cronopio se hizo una casa y siguiendo la costumbre puso en el
porche diversas baldosas que compró o hizo fabricar.

Las baldosas estaban colocadas de manera que se las pudiera leer
en orden.

La primera decía: Bienvenidos los que llegan a esta casa.

La segunda: La casa es chica, pero el Corazón es grande.

La tercera decía: La presencia del huésped es suave como el césped.

¹ Artigo traduzido do espanhol por Marcia Helena de Menezes Ribeiro e revisado por Marta Pedó e Fernanda Breda.

² Psicanalista, membro da Mayeutica-Instituição Psicoanalítica, Buenos Aires. mrbmusolino@gmail.com

temática.

La cuarta: Somos pobres de verdad, pero no de voluntad.

La quinta decía: Ésta anula todas las anteriores. Rajá, Perro³

Com muito entusiasmo, recebemos a convocação ao V Congresso Internacional de *Convergencia* em Porto Alegre. Em junho de 2012, as 39 Instituições integrantes de *Convergencia* renovaremos a aposta *para que a psicanálise possa avançar em sua prática e teoria*.

Nestes tempos de exigência de gozo, de cura imediata e de discursos fundamentalistas face ao inevitável mal-estar na cultura, qual é a Posição a adotar na Função de analista?

Segundo Freud, a psicanálise é incapaz de criar uma cosmovisão particular. *Não lhe faz falta⁴* – indica. Este enigma nos impulsiona a investigar essa Posição em Lacan e em Harari.

I. De uma posição, a de psicanalisar

Na Conferência à Imprensa que antecede o Congresso em Roma de 1974, Lacan insiste que é muito difícil “*ser psicanalista*”, pois temos que nos colocar em uma posição impossível: *a de psicanalisar*”.

Considera que esta “... é uma função ainda mais impossível que a de educar ou governar, mas graças ao fato que se ocupa do que não funciona (*marche*) bem, se ocupa disso que é necessário chamar por seu nome: ... o Real⁵. A partir desta consideração, as incidências sociais do ato analítico nos enviam na direção de uma *práxis do Real*. Posto que seria tolo – no sentido que lhe dá Milner⁶ – tratar de localizar o impossível do laço produ-

³ Julio Cortázar, *Historia de Cronopios y de Famas*, Haga como si estuviera en casa, Bs. As. Ed. Sudamericana, 1994

⁴ S. Freud, *Nuevas Conferencias de Introducción al Psicoanálisis*, 35ª Conferencia: *En torno a una cosmovisión*, Tomo XXII, Buenos Aires: AE, 1986

⁵ J. Lacan, Conférence de presse du docteur Jacques Lacan au Centre culturel français, Rome, le 29 octobre 1974. Parue dans les *Lettres de l'École freudienne*, 1975, n° 16, pp. 6-26.

⁶ Jean Claude Milner, *Los nombres indistintos*, Buenos Aires.: Manantial, 1999: “... el axioma tonto: no hay ningún corte que deshaga el lazo. (...). Aquello por lo cual todo dispositivo puede aguantar no es otra cosa que la parte necesaria de tontería (...). Todo discurso requiere de todo sujeto que consienta, al menos por un instante, con esa máxima, anestesiándose a estos cortes que podrían dispersar y pulverizar. Ese instante, por impalpable que sea, es tontería radical”.

zido pelo discurso analítico. Somente podemos ir “na direção de” (*vers*) sua *práxis* – segundo a incidência do corte que o dispersa e pulveriza em cada análise.

Por outro lado, sabemos que a *Posição de psicanalisar* não tem tradição. O que nos obriga a descobri-la a cada vez, sem ter ideia do que se faz na Função senão depois de ocorrido o discurso – no ato que a constitui.

Na tentativa de explicá-la, será necessário buscar sentidos científicos, exotéricos ou religiosos, entendendo que a psicanálise e sua política é a do sintoma? Será questão de segregar sentidos a torto e a direito sobre o que não funciona na política da psicanálise – por transferências Imaginárias, amores ou ódios próprios do laço – pensando que isto é sintoma e portanto Real?

De certa maneira, até a interrogação é supérflua e vã se não começamos pela análise da transferência, *como primeiro aspecto estritamente coerente do ato psicanalítico*. Posto que, “... *fora do que chamei o manejo, maneiement, da transferência na há ato analítico*”.⁷

O analista na análise da transferência

Lacan firma sua posição na psicanálise pela Terceira vez em Roma, para dizer que o analista é *analista-sintoma*. Alcança esta posição em uma espécie de “*momento de mudança*” que ocorre na análise de transferência.

A tradução isola claramente o sentido de “*moment de mue*” por um momento de mutação ou muda. Toma o *participio passado feminino do verbo mover, mouvouir, mue*, na “*acepção*” de mudar, *muer*. Observem que fácil é confundir o Simbólico ou o Imaginário com o Real, quando se trata da análise do que não é mais que neurose de transferência.

O analista é *como um sintoma*, mas só durante um *momentinho* (*pendant un petit moment*), no qual conseguiu dar-se conta da intrusão do Real. Esse esclarecimento sobre o que se *move* nos obriga a situar de que Real se trata.

⁷ J. Lacan, *El acto analítico*, Seminario del 29 de noviembre de 1967, Inédito

temática.

O Real

Como sempre, vem em nosso auxílio o que aprendemos de nossos mestres.

Se nos permitem dizê-lo assim, *A Primeira do Real* foi em 1953. Então, colocou o Real no grito⁸ do desejo inconstituído e confuso que desde os primeiros balbucios da fala retorna (*revient*) sempre ao mesmo lugar.

Logo, na *Instância da letra no Inconsciente ou a razão desde Freud*⁹, este será a letra ou suporte material que o discurso concreto toma da linguagem. O interessante destas emissões vocais asignificantes é que contêm em si todos os significantes possíveis. Eles indicializam¹⁰ a função da fala, no campo da linguagem que o analista interpreta.

Vinte um anos depois, Lacan remeterá esta interpretação ao jogo sobre o equívoco *para colocar o acento sobre o significante em alíngua*. Com o que, *move a Posição de psicanalisar* a um saber-fazer-ali com o vocábulo.

Vamos *A Segunda do Real*, o Colóquio de Roma de 12 de janeiro de 1964: *Do Trieb de Freud e do desejo do psicanalista*¹¹. Nele, volta a assinalar que a pulsão não pode ser o instinto porque divide o sujeito e o desejo. Portanto, *ao capturar seu objeto aprende que nenhum objeto de nenhuma necessidade pode satisfazê-la*. Ele observa que este Real é da modalidade lógica do impossível.

Assim, o Real aqui é a pulsão ou trata-se de que seu objeto seja diferente? Algo mais para pensar e debater com outros, neste V Congresso.

Por outro lado, o que agora nos interessa, especialmente *Em direção a essa Praxis do Real como pensamos a psicanálise*, é que a partir de *A Segunda* o analista já não poderá abrigar sua função em bons conselhos ou em

⁸ Nota do tradutor: no original, vagido, traduzimos por grito, mas trata-se do grito do bebê pequeno.

⁹ Esta Conferencia foi considerada como *A Segunda do Reals*, em realidade, não ocorreu em Roma mas em Paris em 9 de maio de 1957.

¹⁰ Indicializar é elevar à condição de índice a função da fala na linguagem. Dito índice determina a *hablage* com que a linguagem violenta tanto a língua como o corpo do ser que balbucia.

¹¹ Colóquio em Roma, *Del Trieb de Freud y del deseo del psicoanalista*, Escritos II, Méjico, Siglo XXI

uma terapêutica, senão *no desejo do analista que dirige a análise segundo o traçado do ato pulsional*.

Seguindo esta trilha, nos introduzimos em *A terceira do Real*. Tal como em *A primeira*, *A terceira*¹² retorna. Mas desta vez, *o Real é alíngua* – objeto específico desta *linguisteria* ou linguagem do desejo, que injeta onomatopeias na língua.

Porque a linguagem é feita de *alíngua* – ou seja, das pulsões – o desejo enunciável se sustenta em um nó que é o Real. Mas para este Real coloca uma condição: para este nó é preciso sê-lo. É preciso ser, nada mais que a suposição de um sujeito determinado pelo enunciável: pelo nó.

Lacan estabelece neste *movimento* que, neste instante, o nó não deve cessar de não inscrever-se como sintoma em análise. Como este fato altera a Posição de psicanalizar?

II. Do peculiar tempo do analista sintoma ao analista *sinthoma*

Em *A terceira*, Lacan nos adverte que a intrusão do Real na transferência de uma análise faz cair o analista de sua posição de semblante para ser aí um sintoma. O importante, indica, é que não deve permanecer aí mais que a título de sintoma. Vale dizer, como manifestação do Real.

O Real em *A Posição* é o que *não cessa de se repetir para entorpecer a marcha das coisas*. Portanto, *se continua se repete, pois esse momentinho não se escreve senão no gozo do mal-estar*.

Assim se manifesta, tal como na neurose de transferência freudiana, para *depositar o gozo em alíngua*.

Este fato de linguagem em que se transformou o laço nos está mostrando outra versão do gozo na análise. Vale a pena nos determos neste aspecto.

O gozo que se deposita em alíngua é da ordem do gozo de uma queixa. Vale dizer, da ordem de um gozo diferente. O que mortifica a *alíngua* no ins-

¹² J. Lacan, *La troisième*, 7^{ème} Congrès de l'École freudienne de Paris à Rome. Conférence parue dans les Lettres de l'École freudienne, 1975, n° 16, pp. 177-203.

temática.

tante em que ventila o afeto com que sustenta a queixa, porque não encontra palavras para declarar o diferente em sintoma¹³ Observamos que se trata de *uma peculiar colocação em ato de linguagem na transferência*, que afeta tanto o sentido como a voz com que se diz. Neste ponto Harari põe sua atenção, pois a coisa se complica para quem deseja psicanalisar. É necessário procurar em que sustentar a *Função de analista* que saiba fazer com este e outros gozos diversos apresentado pelo enigma freudiano referido.

Com o quê um analista sustenta sua função de analista?

Brevemente, esta *Função de analista* não se dirige ao sintoma como substituto, metáfora ou formação do inconsciente. Portanto, se sustenta no sintoma como manifestação do Real. Isto é, o que o analisante empregado pela linguagem goza ao nomear o “mal-estar”.

Somente em seus últimos anos Lacan esclarecerá como pensa a *Posição do psicanalisar* quando a função e o canto¹⁴ da linguagem empregam o analisante. Sugere que se esta emerge dos pontos suspensivos que deixam os gozos interpelados, vibrará pela ética com que sua voz faz audível um dizer. Porém, quando e como isto acontece?

Acontece quando a Função de analista-sintoma se cala, para permitir que o ronronar do gozo que passa pelo corpo *deixe a voz livre para ser outra coisa que substancia*. Vale dizer, quando *“la audicione en su fonía sónica”*¹⁵. Só então, a *Função de analista* ocupará a *Posição em consonância com o sintoma com que cada analisante goza do inconsciente*¹⁶. Recordemos: o gozo que ainda está em análise é o da neurose de transferência.

¹³ Em *Palavras sobre a histeria*, em Bruxelas, 26 de fevereiro de 1977, Lacan se expressa assim: “...*La cuestión es saber si, si o no, el afecto se ventila con palabras; algo sopla con esas palabras, que vuelve al afecto inofensivo, es decir no engendrando síntoma. El afecto ya no engendra síntoma cuando la histórica ha comenzado a contar algo a propósito de lo cual ella se ha espantado*”.

¹⁴ Nota do tradutor: canto no sentido do efeito sonoro da fala.

¹⁵ R. Harari, *Palabra, violencia, segregación*... Buenos Aires: Catálogos, 2007.

¹⁶ J. Lacan, *R. S. I.*, Seminario del 18 de febrero de 1975, inédito.

Esta Posição se refere a *la place (o espaço tempo operacional)* e não ao *lieu (o lugar de semblante)* – tal como trabalhamos no Colóquio da CEG em Paris, 2010. Pois é neste *espaço tempo operacional* que o sintoma ocorre como *manifestação do Real*.

Sem sabê-lo e sem querê-lo, o analisante fará entrar sua situação de *Indignado ou sua exigência de uma cura imediata*, no equívoco de linguagem e no gozo fálico dos enunciados que desvelam sua posição de enunciação.

Este apoio da Função facilita o errar, assim, no balbucio ou farfalhar de seu eu-*je* que este goza abandonado à liberdade da ficção de dizer (a que sabemos que não é como tal).

Em 1974, Lacan pontua que o analista é sintoma *desta liberdade*, sustenta sua função em um “*aparato mental rigoroso*”, *analisado*. Por isto, recomenda “*intervir de uma forma sóbria e de preferência eficaz*”.

Com isto responde, pelo lado da intenção, a uma de nossas perguntas iniciais: a *Função do analista* é a Posição destilada a partir do *Real de sua própria experiência, sua análise*, porque só ali encontrará *os botões para apertar*¹⁷.

Agora, para responder a nossa pergunta sobre a segregação de sentido, devemos nos socorrer do modo como Harari pensa a Posição de analista-sintoma. Pensa ele como uma *Constelação*, a que chama *A Quarta do Real*¹⁸.

Ao colocar a proposta de Lacan nesta Constelação, adverte na transferência uma peculiar colocação em ato de linguagem nesse “momentinho” de movimento pulsional. O analista se intromete aí, para saber fazer com “isso” indicializado pelo gozo depositado em *alíngua*.

Entretanto, para sustentar sua *Função* neste *saber fazer aí*, deve saber fazer com “*tudo, mas não isso*”.

Referimo-nos a estas elasticidades da linguagem, prouzidas *pelas crises de sentido* que traz a voz para *o lugar (lieu) do amor de transferência*.

¹⁷ J. Lacan, Intervention de Jacques Lacan. Séance du vendredi 2 novembre (après-midi) dans le Congrès de l'École Freudienne de Paris de La Grande Motte, parue dans les Lettres de l'École Freudienne, 1975, n° 15, pp. 69-80.

¹⁸ R. Harari, *Palabra, violencia, segregación...*, pág. 43, Buenos Aires: Catálogos, 2007.

temática.

Portanto, se o amor se esvazia de significação, o analista será um *sinthoma* do corte implicado por tal acontecimento. Mas, o que significará esta *Posição* para a *Função de analsita* que buscamos?

Significará que desde esta *consonância da fala* poderá desequilibrar este sistema linguageiro criado pela neurose de transferência – sem pensar que isso é sintoma e portanto Real.

Desta forma, este impulso esburacador da pulsão¹⁹ fará falta para consonar um *novo amor*. Desde o ecoar da *de-suposição* amorosa de um sujeito ao dito, com a vibração semiótica de sua exigência de gozo ou de cura imediata, dispensará o sentido.

Uma vez desgastado e pulverizado, lhe será possível abrir a transferência à escritura da letra. Pois ela *rasteja nas dobras do discurso balbuciante, causando um novo sujeito a partir de sua reticulação*²⁰.

Assim, uma vez mais Roberto Harari nos propõe avançar sobre a inovação de Lacan: a incidência do analista *sinthoma*, sobre esta peculiar posta em ato da linguagem que irrompe no tratamento e manejo da transferência.

Buenos Aires, 31 de outubro de 2011.

¹⁹ R. Harari, *Palabra, violencia, segregación...*, pág. 145, Buenos Aires, Catálogos, 2007.

²⁰ Reticulação: modo de dar forma de pequena rede ou rede à letra desde a energia de que flui livremente que espera editar-se.

A inovação da Psicanálise¹

Daniel Paola²

A transferência continua sendo a inovação primordial da psicanálise, para além das corporações capitalistas que pretendem impor a “psicoterapia com objetivos limitados” e mais além da pretensão da religião, que faz confundir qualquer tipo de crença, associando o dogma com as tábuas da lei.

Se Freud, em 1937, escreveu no texto “Análise terminável ou interminável”, que governar, educar e psicanalisar constituem as três profissões impossíveis, não é a mesma coisa nossa práxis, concebida como tal, se desconhecemos seu efeito.

Dessa maneira, governar constituiu-se no êxito ao qual o capitalismo sempre tende, anulando o desejo do analista pela obrigação de que exerça a

¹ Texto traduzido do original em espanhol para o correio da APPOA por Ana Paula Melchiors Stahlschmidt e Mercês Ghazzi.

² Daniel Paola é psicanalista, membro da Escuela Freudiana de Buenos Aires. Autor entre outros de “Adolescência Virtual”, publicado na Revista da APPOA, Nº 38.

temática.

psicoterapia, que tem como fim a eficiência em curtíssimo prazo. Da mesma forma, a religião educa no dogma e faz, da massa de analistas, uma degradação psicopatológica que resume a crença ao amor incondicional a um líder.

Ao invés disso, só quem se atreva a levar seu desejo de analista à compreensão de uma impossibilidade, fará de nossa prática um saber outorgado pela transferência, que situa a *resistência do analista* como consistência do vazio radical que convida o ser humano à crença em uma existência livre e condutora do ato analítico.

Insisto em dizer que a condição de nossa prática tem uma única premissa: a transferência que produz o analista só pode ter uma garantia ética e só pode estar assujeitada ao desejo do analisante.

Há algo que acontece antes da transferência, e sem o que não há escolha possível: não poderia haver difusão da psicanálise, segundo a leitura que faço de Lacan no escrito *L'étourdit*, sem considerarmos primeiramente o discurso do amo ou do mestre. Proponho-me a demonstrar se estamos em condições de afirmar que houve mudanças nessa modalidade discursiva.

Encontramos-nos no tempo em que é necessário considerar novamente “o instante de ver”, segundo mencionou Lacan, momento da mancha que me situa no quadro social do qual quero participar, porque há uma fonte de luz que conduz diretamente à difusão que o mestre estabelece.

Nosso *Fiat Lux* é o discurso do amo, sem o qual não há difusão da psicanálise porque se produz a recusa em fundar uma verdade que é suposta, e portanto mítica, em relação ao inconsciente. Ao invés disso, no discurso do analista, o inconsciente não existe sem um sujeito, o qual não é mais que um corte numa letra sutil e delicada.

No discurso do mestre se difunde a psicanálise sem sujeito, pois o sujeito não é a *verdade* e sim o *outro* no discurso do analista, enquanto que a duplicidade imaginária que me habita me faz parceiro de mim mesmo enquanto sintoma. O sujeito ocupa todo o lugar de verdade no discurso do mestre, enquanto que, se há um analista que o reduza a sustentáculo do sintoma, o sujeito é somente corte que desaparece na letra.

Primeiramente, então, a hipnose teve que morrer, junto com a auto-análise, para que Freud considerasse que o analista é ao menos dois, pois ninguém pode analisar-se sozinho.

Freud teve que, primeiramente, negar a Fliess e a seu delírio dos cornetos e, mais tarde, fazer o mesmo com a auto-análise, já que seria ele quem produziria as primeiras curas, baseado em outra fábula, que em Sófocles encontra seu valor universal com o “Complexo de Édipo”. Dupla ou tripla negação para um mestre: os cornetos, a auto-análise e a fábula de que se podia terminar com o sofrimento fazendo com que as pessoas entendessem que, suprimindo o desejo de deitar-se com a mãe e aceitando a intenção de matar o pai, se chegaria à cura.

Assim, Freud se valeu inicialmente do *enxerto de um dito*, que operando de acordo com a magia do momento, fazia desaparecer os sintomas, provocando, ao mesmo tempo, que outros fizessem o mesmo, uma vez que se tivesse renunciado às pretensões edípicas.

Mas da intrépida imposição de um discurso que o mestre ensinava, outro, distinto, o do *histórico*, faz Freud pensar, pela primeira vez, nos motivos para o abandono do tratamento de uma analisante: Dora fora traída pela Sra K, e a fascinação que lhe produzia havia desaparecido enquanto o pobre Sr. K se vingava de modo tolo. A traição não reconhecida foi a extração que Freud fez *a posteriori*, dando lugar ao nascimento do *discurso do analista*, assim denominado por Lacan.

A impossibilidade conduz, inexoravelmente, a um *après-coup*, pois, em tempo presente sempre fracassa.

Mas o discurso do amo, com sua dupla ou tripla negação, foi o que estabeleceu, previamente, as futuras regras do jogo, que hoje levamos adiante. Acontece que, ainda hoje cada analisante reproduz as mesmas cenas e cada análise se estabelece com a negação da negação da verdade mítica que o analista exhibe, para que finalmente surja a demanda que situa a extração que é preciso realizar, e pela qual o analisante paga preços de usura em função de verdades alheias.

temática.

A difusão dos mestres é suficiente para difundir a psicanálise ou está se esgotando porque não se transmite a impossibilidade como um vazio existencial que leva ao ato analítico? Há os que voltam, secretamente, a consultar o bruxo, o xamã, com suas drogas milenárias e o êxtase do orgulho, como se os demais nada entendessem. São muitos os que transformam a psicanálise em seitas e muitos, ainda, que confundem Deus com crença. Mas o discurso do amo ou do mestre pode conter outras variáveis, que sua origem, surgida da recusa, determina.

O tempo de compreender nos mostra que a experiência está recém iniciando, se considerarmos uma negação da origem do campo da verdade e descartarmos a recusa. O discurso do mestre, ou do amo, varia de uma recusa a uma negação, se reconhece a verdade como mitema.

Apenas a transferência da inovação que o analista exercita com sua práxis, reconhece, na negação, um registro distorcido por um imaginário, no qual se demonstra um real. Nossa prática chegou, por fim, ao caminho da resistência do analista. Ao invés da solução final, seria possível descartar a recusa constitutiva do discurso do mestre, para transformá-la em simples negação que, além disso, surge distorcida, já que o furo está coberto pela duplicidade imaginária. Vale dizer: é possível começar a transferência postulando que a verdade é mítica e, conseqüentemente, meio dita.

Uma interpretação produz efeito, mas este efeito, por sua vez, não pode explicar a interpretação. O analisante se independiza do analista e, cada vez, consente mais em aceitar a dê-s-suposição de um saber sem que isso apresse um fim.

Se a psicanálise nasceu de uma fábula, de uma verdade como mito, antes que um sujeito demonstrasse a insuficiência de um fato real a outro fato real, quer dizer, de um S1 a um S2, nasceu, então, outra esperança.

Nomeando o sofrimento

Mário Corso

Em 1992 Richard P. Bentall escreveu um artigo para o *Journal of Medical Ethics*, seu intuito era propor que a felicidade fosse reconhecida como um transtorno psiquiátrico e enquadrada nas futuras classificações. Afinal, segundo ele, esse estado é estatisticamente anormal, sendo acompanhado por alguns sintomas, entre eles uma disfunção cognitiva, no sentido de uma percepção distorcida da realidade. As pessoas afetadas apresentam um quadro caracterizado pelo estado de euforia sem uma contrapartida real, o que pode ser uma desvantagem adaptativa. Não raro, nota-se uma relação elevada desse estado com comportamentos maníacos, obesidade e ingestão de álcool. Talvez, argumenta o doutor, seja reflexo de uma anomalia do sistema nervoso central, um estado neurobiológico de desinibição. O fato dessas pessoas não se considerarem doentes é irrelevante, pois é assim em muitos casos, nos quais os pacientes geralmente não têm crítica de seus estados patológicos. Por fim, exorta seus colegas a encontrar tratamento

temática.

adequado a esse estado mórbido que quer chamar de: *major affective, pleseant type*.

Bentall utilizou em sua argumentação, para enquadrar a felicidade como distúrbio, o mesmo método que funda as categorias psiquiátricas que estamos acostumados a usar. Talvez esse artigo irônico seja o melhor meio para contestar a fragilidade conceitual que alicerça as classificações que usamos.

As classificações das doenças mentais surgiram para que os profissionais das áreas da saúde mental pudessem falar entre si sobre os pacientes e para, de alguma forma, poder prever certa evolução. Ou ainda (por que) *porque* um raciocínio dessa natureza se tornou necessário para efeitos sociais:(como) para fazer estatísticas, pensar políticas públicas, ou ainda normatizar coberturas por planos de saúde. O dilema é que essa busca por uma classificação científica (que serve mais para obter controles sociais e burocráticos do que por uma necessidade clínica), inclinou os esforços da psiquiatria para uma direção pouco produtiva no sentido da evolução da cura.

De fato, atribuir um nome ao sofrimento não necessariamente ajuda a combatê-lo. Embora seja fundamental que o profissional de saúde esteja sempre atento ao quadro com o qual está lidando e trabalhe em consonância com suas hipóteses clínicas, um diagnóstico preciso (considerando que isso seja possível), ao contrário de todos os quadros somáticos, não é imprescindível para um bom tratamento. Um diagnóstico aproximado é uma bússola suficiente, até (por que) *porque* deixa o profissional mais atento para sutilezas e mudanças bruscas. E por uma outra razão central: é simplesmente impossível enquadrar e classificar descritiva e meticulosamente as formas de sofrimento humano, podemos apenas ter aproximações, nada mais.

Esse espírito classificatório induziu, mesmo que os idealizadores dessas descrições não pensem com essa estreiteza, para uma visão essencialista da doença mental: passa a ideia que se alguém tem certa doença está fadado a um funcionamento daquela ordem; que o quadro seria uma forma de ser

daquele sujeito, que cada sofrimento teria uma forma *standard* de se manifestar. Os diagnósticos na verdade são aproximações provisórias de formas de funcionamento mental, e não raro são mutantes. Embora muitos pacientes mantenham certa lógica por um tempo, outros funcionam de uma maneira agora e outra amanhã e o quadro de ontem não necessariamente era um desses dois. Um diagnóstico seria mais uma forma de *estar* não de *ser*, por isso a fluidez faz parte. O melhor é usar um diagnóstico como se usa um andaime numa obra, aquilo não faz parte realmente e será retirado no fim. Apenas ajuda (ao terapeuta, e raro ao paciente, enquanto uma direção medianamente confiável) durante o processo de cura em curso.

Atribuir um nome ao sofrimento acarreta ainda outro efeito colateral negativo: quem sofre geralmente passa por uma crise de identidade e se alguém, numa posição de poder social, diz que ele é tal coisa, é bem provável que ele adira ao rótulo independente da adequação deste à sua realidade. Afinal, é melhor ter um nome para uma doença do que nada. Porém, esse nome embora forneça um ganho rápido aplacando a angústia, a falta de significação para sua dor, depois faz resistência aos outros passos, ancorando o paciente numa formação imaginária de sentido, acaba atrapalhando a cura. Já a recusa a dar um nome ao sofrimento, quando isso é possível, lança o sujeito numa busca sua por definir quem é, o que de fato está acontecendo e quais seus caminhos para sair da crise.

As formas do sofrimento são diferentes porque os humanos são extraordinariamente diversos, o que torna a empreitada classificatória desanimadora. Não obstante, certos profissionais seguiram em frente, mas para conseguir lograr uma lógica operante tiveram que retirar variáveis dessa equação, especialmente os vetores históricos e sociais. Por exemplo, pense em entender o sofrimento atual sem levar em conta os fatores como a mudança no equilíbrio de poder dos sexos e das formas de gozar, que retirou todas as (falsas) certezas que nos apoiavam até meados do findo século XX; a família, fonte ancestral de apoio psíquico, sofreu uma revolução que esfarelou as formas tradicionais em apenas duas gerações; o outro arrimo

temática.

que era a religião perdeu muito de sua força, ou ainda a invenção da adolescência que tomou a sua forma no pós-guerra e coloca num limbo provisório, e em pé de guerra, uma parte da população. Sem falar do culto ao corpo e à saúde, ou ainda a busca da felicidade a qualquer preço, que se constitui no andar debaixo do momento de forte drogadição que vivemos. Suprimindo variáveis como essas, o resultado é uma visão de homem onde ele se parece a uma máquina neural, como se fosse possível uma forma de ser atemporal, apenas uma natureza básica imutável que apenas adapta-se à força das ondas. Visando a objetividade apagou-se a fala, pergunta-se apenas por comportamentos, humores, por sintomas visíveis e dessa massa de informações tenta se extrair um diagnóstico.

Desnecessário lembrar que esse tipo de raciocínio tende a ser fortemente adaptativo, pois, se perdemos a crítica da sociedade e das instituições onde estamos inseridos, é como se todos devêssemos ou pudéssemos nos adequar a qualquer sociedade em qualquer momento. Longe de ser um desvio epistemológico, esse *ethos* classificatório é a expressão direta da forma utilitarista e mercantilista de pensar o homem, ou seja, ele que se adapte e seja útil, que cumpra sua função na engrenagem social.

O elo que falta dessa lógica é a medicação. Reduzindo a doença mental a um cérebro problemático, ela foi traduzida como um déficit químico, portanto basta descobrir um remédio específico para cada quadro. Recém começa a ser desvelada a verdadeira força da indústria farmacêutica nesse atual panorama; vendida como ciência de ponta, o envolvimento dos pesquisadores com tal indústria deixa muito a pensar o quanto se expressa a força de um lobby e onde começa mesmo a ciência. A medicação trouxe benefícios inestimáveis para todos, mas seus verdadeiros benefícios são superdimensionados. Aliás, se o ganho com as medicações fossem realmente extraordinário, viveríamos um momento de declínio dos quadros de sofrimento, quando estamos constatando é um aumento de quase todas patologias. Algo não anda bem nas nossas estratégias e no setor de armamentos, estamos perdendo a guerra.

Começaram sair livros e artigos que desafinam o consenso da psicopatologia atual. Destaco o livro recém lançado cuja leitura resumo nas linhas acima: *O Livro Negro da Psicopatologia Contemporânea* (Ed. Via Lettera, 2011) de Alfredo Jerusalinsky e Silvia Fendrik (orgs.) Nove autores brasileiros, nove argentinos, uma mexicana e uma francesa, trazem sua experiência com as categorias psiquiátricas. Entre outros, escrevem Maria Rita Kehl, Ricardo Goldenberg, e aqui, de Porto Alegre, contribuem Nilson Sibemberg e Ana Costa. O sofrimento humano dá muito que falar, mas nem sempre a minúcia descritiva e classificatória lança luz sobre um campo obscuro.

temática.

Trair Lacan ou observações sobre a pele do babaca

Ricardo Goldenberg

J'ai eu la peau du con
Sade via Lacan (via Jacques-Alain Miller)

Je triomphe! j'ai de la peau du con
Sade (da própria pena)

Abertura

Como ler Lacan? eis a questão. Ou ainda, *o que ler quer dizer?* Penso menos na leitura em geral – embora seja um tema interessante: o lugar da letra, isso tudo – como o que significa ler em psicanálise e, especialmente, o quê ler Lacan.

Porque Lacan é para nós um *ser de escrita* ou de escritura (no sentido de Barthes). O que ele mesmo chamava seu ensinamento é para nós questão

dezembro 2011 | correio APPOA **.61**

temática.

de leitura. E aqui já temos um certo ruído de fundo, que consiste na diferença entre o que sabemos que veio da própria pena do mestre e a montagem de transcrições “estabelecidas” das coisas que ele disse. E que disse a públicos os mais diversos, embora ele martelasse aquilo de que só se dirigia a psicanalistas.

Não pretendo entrar no mérito do estabelecimento escrito da produção oral, porque já disso se falou *ad nauseam*. Apenas lembrar que o tal do estabelecimento do texto é uma leitura, não uma simples transcrição. E mesmo que fosse, a escolha da pontuação é uma decisão interpretativa do transcritor e determina o sentido. Quanto a isso não me parece haver lugar a controvérsia alguma. O sonho de uma passagem integral do sentido da mensagem de um autor, pela via da transcrição da sua fala pública, sem distorção, é apenas isso: um sonho.

Evoco coisas tão repisadas porque os psicanalistas da minha geração e da anterior carregamos escrito nas costas um adjetivo que nos define como leitores privilegiados de Lacan. O povo escolhido além mar. Fomos nomeados *lacanoamericanos*.

Será que alguém aqui ainda não conhece a estória de como, antes de vir fincar a bandeira da colonização lacaniana em Caracas, o mestre se despede dos seus alunos em Paris com uma *blague*: “Vou visitar meus *lacanoamericanos*, eles são o futuro do que ensino, porque só me lêem, nunca me viram nem ouviram de viva voz”? Não seria a primeira vez que uma *blague* de Lacan não apenas não fazia ninguém rir como era tratada com a seriedade de uma consigna, mas em Buenos Aires, provocou um verdadeiro frenesi. Muitos que nada tinham de bobos saíram repetindo por aí que depois de trinta anos Lacan realizava o derradeiro ato analítico: renegar todos seus discípulos e amigos franceses para escolher gente que nunca tinha visto mais gorda, como os legítimos herdeiros do seu espólio espiritual.

Como o mestre morreu logo depois de Caracas, este disparate virou a sua última palavra, seu testamento. E a guerra mais ou menos fria a que deu origem dura até hoje, entre *lacanoamericanos*, guardiões da letra, e os após-

tolos (do grego: *πόστολος*, “enviado”; de *apo*: fora, longe e *stelle*: enviar) que, como todo mundo sabe, são aqueles que o viram e escutaram de viva voz. Não faz muito tempo um deles contestava a minha leitura de uma passagem do Seminário com o argumento de “eu vi, eu estava lá, logo, eu sei.” Contudo, se guerra de exegetas, de hermeneutas e de talmúdicos há, ela dar-se-á no campo da letra não das lembranças da sua pregação viva. Não é à toa que um desses apóstolos se apresente precisamente como leitor; o leitor, o único talvez que sabe lê-lo.

Em todo caso, quero chegar a que lacanoamericanos ou apóstolos falamos, todos um idioma comum, um idioleto conhecido entre nós como *lacanês*. Dezenas de dicionários mais ou menos exaustivos foram publicados para ensinar os turistas a se comunicar com os habitantes da terra de Lacania, como a chamava Perrier, um dos primeiros apóstolos, que morreu como um renegado da palavra do seu senhor. Este idioma comum nos faz acreditar não apenas que somos filhos do mesmo clã; membros da mesma comunidade; fregueses da mesma paróquia, como que nos entendemos. E mais, nos permite também imaginar que pensamos; que juntar fórmulas cristalizadas, como ladrilhos de Lego, equivale a construir castelos conceituais para maior glória do reino de Lacania.

Jargonofasia ou não existe uma monumental obra escrita e ela está escrita em francês. E quando digo que Lacan é um ser de escrita, afirmo também que por bem ou por mal ele existe dentro da língua francesa. Ora, o problema com os ditos *lacanoamericanos*, os que nos relacionamos apenas com um Lacan de escritura, é menos o de não sermos apóstolos que o de não sermos franceses. E este problema nos concerne e a mais ninguém. Admitamos, em que pesem as dificuldades, fiar-nos do estabelecimento de um texto “original” de Lacan. Ali se inicia, ali se abre a tarefa monumental da *tradução* da obra. E na tarefa de tradução já não é mais possível esquecer que se trata de uma leitura. Se no esforço de estabelecimento do texto em francês ainda pode-se escamotear ou disfarçar o lugar do leitor, isso já não é mais possível na tradução.

temática.

Assumir a responsabilidade por uma tradução não pode ser a tarefa de um só, por melhor dotado que seja. Se o estabelecimento não deveria ser a tarefa de um só (basta cotejar a versão de Seuil com a versão de Stecriture, resultado de uma equipe de trabalho, do seminário dito “da transferência”, para se perceber o que estou dizendo), assumir a tradução da obra de Lacan de modo solitário não beira o temerário, beira o irresponsável. É neste ponto que me parece necessário começarmos a pensar na prática de *outra política da língua*.

Falando o idioma dos lacanianos

Longa mesa de jantar, muitos convidados. O pai, à cabeceira, levanta da cadeira, bate com o garfo na taça e diz: “proponho uma torrada para a noiva e o noivo”. Versão brasileira de *a toast for the bride and groom*. Podemos rir, mas receio não nos sairmos muito melhor ao abordar o texto lacaniano em português.

Não se trata aqui de pontificar sobre como se deve ou não ler, mas de perguntar-se pelas consequências do modo como nos chega a obra de Lacan. Textos tergiversados e nos quais a nossa língua é errada a ponto de caber a pergunta se o que se pretende demonstrar, despejando bibliografia assim ofendida, não é a tese lacaniana de que publicar é equivalente a produzir lixo¹.

Que o estilo do Lacan seja o que é (aforístico, gongórico, mallarmeano, crítico, alusivo; preciosista; maneirista; insuportável...) serve, com demasiada frequência, de alibi para um vale tudo e um descaso editorial que raia no total desrespeito pelo leitor suposto. E não tenho certeza se aplicar-se-ia aqui a crítica ao ineficiente controle de qualidade de tantos produtos que, cuidados no exterior, são descuidados no Brasil (a embalagem *Pac* pode ser aberta perfeitamente com os dedos, nos Estados Unidos; entre nós, apenas

¹ *Poubellication*. É um neologismo, como todos, metade *blague* metade crítica ou passagem de um conceito, que junta publicação com lixo (“publicar”, entre nós), aqui, no caso, crítica de uma política de leitura reinante no meio psicanalítico e universitário na década de sessenta.

com ajuda de uma tesoura). Diz-se que enquanto houver quem os consuma, ou seja, enquanto houver mercado para eles, seguirão sendo fabricados e vendidos com a mesma (falta de) qualidade. Um lacanofrancês, a quem comentava que seu livro traduzido ao português era praticamente ilegível (tive que comprá-lo novamente no original, não por preciosismo, mas para poder minimamente tirar proveito dele), respondeu que, segundo seu editor, “estava vendendo bem no Brasil”.

“Está vendendo bem” como resposta ao “não dá para ler” quer dizer não só que o autor é bastante menos devotado à causa da “transmissão” do que pretende fazer acreditar, como que profissionais para quem a língua é o solo em que caminham, o ar que respiram, a carne que comem e a água que bebem se conformam alegremente com atrocidades como as que apresento a seguir, a título de vinhetas exemplares do que gostaria de chamar, parafraseando Jean-Claude Milner, *o ódio da língua*. Que o comentário de tais vinhetas seja mínimo deve-se a que me interessa menos os assuntos em pauta que a forma como nos chegam em nossa desditada língua. Não me detenho, portanto, nos detalhes, além do grau necessário para que se entendam as ilustrações. Cada uma delas poderia ser o ponto de partida de um trabalho. Se alguém se sentir devidamente provocado e se habilita, tanto melhor.

A violação da fechadura

Na “Abertura desta Compilação”, nos *Escritos* ([1966] 1998), evoca-se um livro de 1714 de um tal de Alexander Pope chamado *The Rape of the Lock*. Trata-se de um romance galante cuja trama gira em torno da circulação de um cacho de cabelo roubado a uma moça chamada Belinda. Como *lock, boucle*, também quer dizer “fechadura”, todo um artigo dedicado a esta evocação divaga a propósito da violação da fechadura da virgindade da moça. Não digo que seja impropriedade, digo que uma abordagem desta passagem não pode desconhecer que, antes de entregar-se à metonímia da palavra *lock*, trata-se ali do caracol do cabelo da moça.

temática.

A alegre visão d'isso

Lacan (1973) brinca com o título de uma obra de Nietzsche de 1882, *Die fröhliche Wissenschaft*, traduzido ao francês como *Le Gai Savoir* – entre nós, *A Gaia Ciência*. Brinca, digo, escrevendo-o assim: *Le Gai Ça-voir*, chamando, por alguma razão que caberia interrogar, o Isso freudiano (*le Ça*), para dentro do livro do filósofo alemão. Um trabalho brasileiro dedicado ao assunto entrega-se a todo tipo de elucubrações sobre “a alegria de ver o isso” sem indicar, em momento algum, que se trata de um jogo homofônico com o título de uma obra de Nietzsche. Fato notório para o público francófono do Seminário, solenemente ignorado pelo autor do texto em português. Caso tivesse se dado ao trabalho de virar algumas páginas teria achado coisas como esta: *Moro em minha própria casa. (Não imito ninguém. (Rio de todos em mestres. (Que nunca riram de si.*

Minha objeção ao *falente*

A Claudia Berliner, tradutora e amiga, defendia, pela sua inegável elegância, a tradução de “falente” para o *parlêtre*. Eu argumentava que, ao tratar-se também de um conceito e não apenas de poesia, substituir “ser” por “ente”, na palavra-valise, implicava em um desvio problemático do lado da teoria. Os velhos “falessen”² ou “falasser”, embora menos bonitos, afiguraram-se melhor ajustados a sua função.

Meu apreço pelo *significante sê-lo*

MD Magno (tradução do Seminário, livro XVII, *O avesso da psicanálise*) fez o feliz achado do *significante sê-lo* para fazer passar o *signifiant m'être*. Sua tradução, na minha opinião, melhora o original, e está mais perto do que Lacan parece querer fazer passar com o neologismo.

² Este com a vantagem de fazer ouvir em nossa língua uma inesperada evocação da morte.

A propósito de uma carta desviada

Ne boudez pas, j'évoque de biais ce que je répugne à couvrir de la carte forcée de la clinique.

A savoir, la juste façon de répondre à la question: "Qui parle?" quand il s'agit du sujet de l'inconscient.

Lacan via Jacques-Alain Miller³

Don't go into a sulk, I am merely referring obliquely to what I am reluctant to cover with the distorting map of clinical medicine.

Namely, the right way to reply to the question "who is speaking?", when it is the subject of the unconscious that is at issue.

Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Alan Sheridan (1977)

No lo tomen a mal, evoco al sesgo lo que me resisto a cubrir con el mapa forzado de la clínica.

A saber, la manera justa de contestar a la pregunta quién habla?, cuando se trata del sujeto del inconsciente.

Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Andrés Segovia (1971)

Não façam cara feia, evoco de viés o que me repugna encobrir com a carta marcada da clínica.

Qual seja, a maneira certa de responder à pergunta quem está falando?, quando se trata do sujeito do inconsciente.

Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Vera Ribeiro (1998)

Não façam beicinho, evoco de viés o que me repugna cobrir com a carta forçada da clínica.

A saber, a maneira certa de responder à pergunta "quem está falando?", quando se trata do sujeito do inconsciente.

³ Lacan [1960], 1966. p. 800.

temática.

Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Ricardo Goldenberg

Quando se fala dos ofícios impossíveis ninguém menciona o tradutor. Não deixa de ser uma grande injustiça, já que talvez seja o mais impossível de todos. Esta “carta forçada”, que Lacan tirou da manga, para esconder logo a seguir, frente a uma audiência de estudantes de filosofia, convidados por Jan Wahl para ouvi-lo discorrer sobre dialética, pode servir para ilustrar este ponto. Em francês a expressão *forcer la carte a quelqu'un* não é forçada. Significa coagir alguém a fazer algo que não queria ou não pretendia fazer, ao menos, não naquele momento. Como quando se diz “forçar a mão (ou a barra)” de alguém. A expressão francesa vem do ofício dos mágicos. O prestidigitador oferece o baralho ao espectador e empurra uma carta, sem que o outro desconfie que não está escolhendo livremente. Voltaremos a como a clínica poderia ser uma carta forçada. Antes, vejamos as opções dos tradutores frente ao texto de Lacan. Alan Sheridan e Andrés Segovia se perderam na geografia de Translacania, armados com uma cartografia digna de Jorge Luis Borges ou de Ítalo Calvino. Lembro que aquele “mapa forçado” deu o que falar a um navegante que desejava partir do porto de Buenos Aires, e que chegou à conclusão de que o problema devia ser de escala⁴. Já o norteamericano explica que se trata do “mapa distorcido da clínica médica”, que impede o caminhante de encontrar a sua rota na procura do sujeito do inconsciente. Vera Ribeiro nos passa uma carta marcada na mão que nos dá, está melhor encaminhada, embora não se saiba muito bem de que jogo a clínica seria uma carta marcada, e marcada para ludibriar qual jogador. Quem entendeu de que modo a clínica psicanalítica pode funcionar como uma carta *forçada* foi Bernardo Carvalho⁵, quando se recusou a tomá-la das mãos de uma psicanalista com quem debatia sobre arte e loucura, durante uma mesa redonda. Não lembro as suas palavras exatas, mas a sua irritação com o que chamou “a atitude dos psicanalistas” de pôr

⁴ Borges conjecturava que o mapa ideal teria uma escala 1:1 e coincidiria pontualmente com o real geográfico.

⁵ Mesa redonda organizada pelo Fórum de São Paulo em 2001.

a clínica como curinga, para completar qualquer mão e ganhar o jogo. E eu concordo com o escritor, a clínica, como o raio divino da história, não é um argumento⁶. *Esta* seria a carta que Lacan se recusa a passar aos seus ouvintes da filosofia.

E por quê? Porque a clínica é precisamente o que pede uma fundamentação *de jure*, e esta não se consegue invocando, com ares de autoridade, as suas virtudes *de facto* (quaisquer sejam elas). O psicanalista se dispõe a conversar com os filósofos com o intuito de avançar na elaboração dos critérios de tal fundamentação, não para fazê-los engolir uma concepção de sujeito que talvez fosse repugnante para seus paladares educados no *cogito*⁷.

As condições de possibilidade da clínica que faz existir este sujeito no real não são empíricas, nem ele é um dado natural. Faz-se necessário argumentar, e fazê-lo nos mesmos termos com que foi conceitualizada a noção de subjetividade até então. A subversão do sujeito é um acontecimento de discurso, e seu real se verifica clinicamente, sim, mas *não sem* precisas coordenadas teóricas de leitura, fora das quais ele não poderia sequer ser reconhecido.

Tive os gritos do tradutor, acabei com a sua raça!

Je vous laisse à rechercher dans Juliette, voire dans Les 120 journées, ces quelques passages où les personnages, tout occupés à assouvir sur ces victimes choisies leur avidité de tourments, entrent dans cette bizarre, singulière et curieuse transe, je vous le répète, plusieurs fois indiquée dans le texte de Sade, et qui s'exprime en ces mots étranges en effet qu'il me faut bien ici articuler: J'ai eu, s'écrie le tourmenteur, j'ai eu la peau du con.

⁶ Três rabinos discutem. Dois deles concordam, o terceiro discorda. Este último apela: "Que caia um raio agora se eu estiver certo!" O raio caiu. Os outros dois se entreolham espantados, mas um deles diz: "Não valeu, um raio não é um argumento".

⁷ Menciono o sujeito porque era o tema de discussão: o sujeito que surge das formações do inconsciente e que Lacan se opõe a fundamentar a partir da empiria da clínica.

temática.

Lacan via Jacques-Alain Miller⁸

Les dejo buscar en “Juliette”, y hasta en “Los 120 días...”, esos pocos pasajes donde los personajes, ocupados en saciar sobre las víctimas elegidas su avidez de tormentos, entran en ese caprichoso, singular y curioso trance, lo repito, varias veces indicado en el texto de Sade, y que se expresa en estas extrañas palabras que tengo que articular aquí: “He tenido, exclama el torturador, he tenido la piel del imbecil.” (J’ai eu, s’écrie le tourmenteur, j’ai eu la peau du con).

Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Irene Agoff

Deixo-os procurar em Juliette, ou então em Les cent vingt journées,... o punhado de passagens em que os personagens, inteiramente ocupados em saciar com suas vítimas escolhidas a sua avidez de tormentos, entram num transe bizarro, singular e curioso, que se exprime em palavras tão estranhas, na verdade, que preciso articulá-las aqui: Tive os gritos do torturador, acabei com a raça do imbecil.

Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Vera Ribeiro

I will leave you to search in Juliette, even in the One hundred and twenty days, these few passages where the characters, completely occupied in slaking on these chosen victims their greed for torments, enter into this bizarre, singular and curious trance, indicated, I repeat, on several occasions in the text of Sade, which is expressed in these strange words, in effect that it is necessary for me to articulate here: “I had,” cries the tormentor, “I had the skin of the cunt”.

Lacan via Cormac Gallagher

Há aqui dois estranhamentos, e são de grau diferente; o de Lacan, frente às palavras do personagem de Sade, e o dos tradutores, frente ao estranhamento de Lacan. Este último seria como que um estranhamento grau dois.

⁸ Lacan [1962], 2004.

O tradutor espanhol nos deixa saber em nota de rodapé que *avoir la peau de quelq'un* quer dizer, coloquialmente, “vingar-se dele”, mas opta por uma versão literal: “*he tenido la piel del imbécil*”.

A tradutora brasileira resolveu a mesma perplexidade entregando-se ao sentido figurado, o que a obriga a livrar-se a uma série de contorções e de reescrituras para botar na conta do Lacan uma frase coerente com o que ela entendeu do que ele disse. Ou seja, como tinha concluído que “*j’ai eu la peau du con*” devia ser entendido como “*acabei com a sua raça*”, pois bem, devia decidir a raça de quem estava em jogo naquela ocasião. Decidiu que era a do carrasco. Então, em vez de “*Tive, gritou o torturador*” ela nos presenteia com um “*Tive os gritos do torturador*”. E os leitores lusofalantes perguntar-se-ão em vão, quem fez o torturador gritar: foi Sade? Foi Lacan? Na minha opinião, haveria que escrever aqui: “*Tive os gritos do tradutor, acabei com a sua raça!*”, assinado Jacques Lacan.

Mas o espanto de Lacan é de natureza muito diversa.

Todos parecem ter dado por líquido e certo que ele se referia ao adjetivo *con* que, de fato, traduz o nosso “babaca”. Isso porque ninguém – a não ser Cormac McCarthy, que matou a charada – se deu ao trabalho de ir atrás da referência de Lacan. E a desonestidade de alguns chega ao ponto de incluir, em nota de rodapé, “confrontar tal edição de *Os 120 dias de Sodoma*, ou qual edição de *Juliette*”, sem sequer terem olhado para a capa de uma ou de outra. Se o tivessem feito, como meu amigo Alejandro Viviani me mostrou, teriam descoberto que não há nada em *Os 120 dias*[...] e portanto não é uma fonte, mas, em *A história de Juliette ou as prosperidades do vício* [1797], 2009⁹ encontramos o seguinte:

O gabinete onde nos recebeu o duque era redondo; todo coberto de espelhos; no meio, havia um toco de coluna de mármore de aproximadamente seis polegadas de altura. Me fez subir a um pedestal; o valete, que nos dava as ordens e que servia aos prazeres do

⁹ Eu traduzo.

temática.

seu senhor, amarrou meus pés a correntes de bronze, colocadas de propósito no bloco; a seguir ergueu meus braços e os amarrou a uma corda que os mantinha tão alto quanto era possível.

Só depois disso o duque se aproximou; até então ele estivera refestelado em um canapé, onde estimulava de leve seu membro. Totalmente nu da cintura para baixo, cobria seu peito um simples colete de cetim marrom; seus braços estavam descobertos; no esquerdo tinha um punhado de vergas, finas e flexíveis, amarradas com um laço preto. O duque, de quarenta anos, tinha uma expressão muito dura, e pensei que a sua moral não seria mais doce que seu aspecto.

– Lubin – disse ao seu valete –, esta parece-me melhor do que as outras, sua bunda é mais fofo, sua pele mais delicada, seu rosto mais interessante; a compadeço porque vai sofrer mais. E, assim falando, o vilão, aproximando seu focinho do meu traseiro, beijou primeiro e mordeu depois. Solto um berro.

– Ah, ah! és sensível, ao que parece. Tanto pior, pois ainda não terminamos consigo.

E nesse momento senti como suas unhas curvas afundavam profundamente em minhas nádegas, arrancando-me a pele em dois ou três lugares. Novos gritos que lancei só fizeram excitar mais ainda aquele celerado, que levou então dois de seus dedos ao interior da minha vagina, só retirando-os junto com a pele dilacerada desse lugar delicado. – Lubin – diz então, mostrando seus dedos ensanguentados ao seu valete –, meu caro Lubin, triunfo!, estou com a pele da boceta.

E assim dizendo, a pôs na cabeça do membro de Lubin, que naquele momento apresentava a maior ereção.

Je triomphe! j'ai de la peau du con

O trabalho de leitura está feito com o esclarecimento deste *con*, derivado do latim *cunnus* e que deu *cunt*, em inglês e *coño*, em espanhol? Claro

¹⁰ Traduzindo este trabalho para o inglês, me dei conta de que *dickhead* ou *prick*

que não! mal começou, mas convenhamos que o espanto, ou diria até, o encantamento de Lacan – que está por sua vez colecionando figuras do recém inventado objeto (a) – frente ao êxtase do duque exibindo, como um troféu, a pele arrancada da vagina, revela-se bastante menos enigmático. E ainda que esta pele dê pano para manga, não há de ser para confeccionar a carapuça delirante com que se veste uma eminente psicanalista argentina ao divagar a propósito de um suposto babaca esfolado¹⁰.

Lacan traidor de Freud

Nada mais oportuno que encerrar estas reflexões com Lacan *lendo* (o gerúndio aqui é de necessidade) um aforismo freudiano. Falo da máxima *wo es war, soll ich werden* e dos seus vinte modos diferentes de aparecer aos cuidados de Lacan. Poderíamos supor que procura a versão mais fiel ao mestre, ao passo que deveríamos perceber que está confiscando-lhe a expressão para melhor afetar o francês que fala. É isso mesmo, ele faz (ou pretende fazer) algo à língua – assim como o duque de Sade “faz mal à moça”.

Cabe conjecturar se não está usando o alemão do outro para torturar a língua à qual ele mesmo está acorrentado; quem sabe levá-la ao limite, até tocar o ponto de uma impossível separação. Como Mallarmé fizera, ou Joyce, com o inglês. O problema é que ao comer Freud, Lacan não apenas o assimila, ele mesmo se transforma. Quero dizer que traduzir Freud, criticar-lhe o conceito e elaborar o próprio são um só e único movimento.

Dirão vocês que o francófono está mais interessado na própria língua que na do outro; que o alemão deve servir-lhe e não o contrário. Como não concordar com tal opinião? Mas o *che vuoi?* – que se diz em italiano, mas é uma referência literária francesa –, dirige-se a nós, quando não somos franceses e nos defrontamos com um *là où c’était, je doit advenir*. Haroldo

(literal e respectivamente “cabeça de pau” e “pica”) traduzem o *con* francês com conotação de idiota. Isso completa o ciclo de desleitura pelo qual a buceta vira pau!

temática.

de Campos propunha *transcriar* em vez de traduzir, com o intuito de indicar o desafio lançado pelo livro ao tradutor como escritor. A obra desafia-o a ousar apropriar-se por sua conta e risco do texto do autor, menos para transferir-lhe o significado que para se deixar transpassar pelo espírito da sua letra.

Nossos tradutores conformistas, conservadores ou simplesmente preguiçosos, costumam abdicar da vantagem que temos em relação aos franceses, por possuímos dois verbos, *ser* e *estar*, ali onde eles têm apenas um, *être*, e optam por normalizar a versão, traduzindo *sempre o là où c'était* como “lá onde isso *era*”.

Com esta opção, que responde a uma política da língua que não se reconhece como tal, perdem (e os leitores brasileiros e argentinos junto com eles) todas as nuances teóricas e clínicas que Lacan, com tanta dificuldade – devido, precisamente, ao verbo único –, tenta fazer passar para os franceses, e que teria sido tão fácil aproveitar em nossas línguas. Ou seja, nos privamos de um recurso que não apenas deixaria a versão mais bonita, como mais preciso o conceito. Cortazar não estava sendo apenas gentil, acredito, quando escreveu que a versão de Haroldo de Campos (voltando a ele) de não lembro qual poema seu melhorava o original, isto é, dizia melhor em português o que ele queria dizer em castelhano.

Não fosse pelo trabalho de leitor de Lacan, o *Wo Es war, soll Ich werden* nunca teria se tornado a máxima do fim da análise. Existem vários ensaios sobre este assunto e não me parece necessário acrescentar-lhe outro. Resumo apenas o percurso de sua leitura.

A 31ª das *Novas conferências de introdução à psicanálise*, de 1932, conclui com esta frase: *Wo es war, soll Ich werden: Es ist Kulturarbeit wie die Trockenlegung der Zuydersee*. “É um trabalho de civilização, como a drenagem do Zuydersee” (Freud, [1932] 1989, p. 74). Portanto, assim como a civilização ganha ao mar terra para cultivar, assim a psicanálise ganha ao Isso território para o Eu.

Além de escolher uma figura espacial (*Wo* quer dizer “onde”), Freud não disse nem *das Es* nem *das Ich*, “como fazia habitualmente para designar

essas instâncias em que havia ordenado, já fazia dez anos, sua nova tópicica”. Ou seja, está *usando* “eu” e “isso” como pronomes na frase, não como substantivos, nuance que não escapa a Lacan e que ele tenta por sua vez fazer passar aos seus leitores, ainda que ao preço de um certo forçamento da sua própria língua: “*Là où c’était, peut-on dire, là où s’était, voudrions-nous faire qu’on entendît, c’est mon devoir que je vienne à être*”. Quinet nos entrega esta sentença assim: “Ali onde isso era, como se pode dizer, ou ali onde se era, gostaríamos de fazer com que se ouvisse, é meu dever que eu venha a ser”¹¹. A opção por “ser” se justifica plenamente aqui porquanto Lacan estava em 1955 pesadamente sob a influência da concepção heideggeriana da linguagem como “morada do ser”¹². Ele mesmo não deixa lugar a dúvidas, já que antes tinha escrito:

*[...] é no lugar, Wo, onde Es, sujeito desprovido de qualquer das ou de qualquer outro artigo objetivante (é de um lugar de ser que se trata) era, war, é nesse lugar que soll, devo – e é um dever moral que se anuncia aí, como confirma a única frase que sucede a esta para encerrar o capítulo – Ich, ali devo [...] werden, tornar-me, isto é, não sobrevir, nem tampouco advir, mas vir à luz, desse lugar mesmo como lugar de ser*¹³.

Não é contudo a mesma situação dez anos mais tarde, quando conjectura uma *lógica da fantasia* e problematiza o *ato do psicanalista*. E aqui já não se justifica de modo algum traduzir *être* sistematicamente por “ser”. Minha reivindicação de “estar” pode parecer um preciosismo estilístico, mas a descrição do ato analítico mediante o semigrupo de Klein feita em 1968, fica incompreensível se nos privarmos do recurso a este verbo. A título de ilustração:

¹¹ Lacan, [1955] 1998, p. 419

¹² Se bem que *Dasein*, diga muito literalmente, “estar aí”. Em *Os conceitos fundamentais da metafísica*, de 1930, quando explica que a “pedra é sem mundo”, diz que ela “é o que é, e está aí (*Da*) onde está” e tudo isso vai com o mesmo *sein*.

¹³ Lacan J., [1955] 1998, p. 418

temática.

Estou ali naquele “penso”? [Est-ce que dans ce “je pense”, j’y suis?]. Para estar lá [pour être là] como inconsciente não é necessário que eu tenha pensado [conscientemente] como pensamento o que concerne ao meu inconsciente. Lá onde o penso é para deixar de estar em casa [là où je le pense, c’est pour ne plus être chez moi]. Não estou mais lá [Je n’y suis plus]. Não estou mais lá em termos de linguagem, do mesmo jeito que, quando faço responder à pessoa que atende a campainha: “O Sr. não está”, trata-se de um eu não estou enquanto que é dito.¹⁴

Ou seja, em que pese o oxímoro, quando me apercebo dos “pensamentos inconscientes” (*unbewute Gedanken*), sou obrigado a concluir que já estava neles sem me dar conta. Para que complicar, então, com considerações metafísicas o *là où c’était, je dois advenir*, se ele passa suavemente para o português e exprime a nossa experiência como “*lá onde estava, devo advir*”? Onde estava mesmo? Onde é que eu estava com a cabeça? Como o pai que estava morto e não sabia, eu estava, não ciente, na outra cena, no *andere Schauplatz*, no teatro do meu Outro; no inconsciente. Em suma, lá onde estava de fato e sem saber devo passar a estar de pleno direito. E isso é todo o ser de que disponho (e não parece pouco).

¹⁴ Lacan, 1968. Versão da *Association Freudienne Internationale*.

temática.

Carretéis de Iberê, *fort-da* de Freud Ato Psicanalítico – Ato de Criação

Jaime Betts



Coleção *Carretéis* – (Detalhe) Iberê Camargo (1975)

Sempre busquei a transposição do real, até o momento em que tomei como objeto de meus quadros o carretel, por ter sido o objeto de minha infância carregado de afetividade.

Berg, Evelyn. *Arte acima de tudo.*

(Arq. MARGS, P. Alegre)

dezembro 2011 | **correio APPOA .77**

temática.

Arte é fazer de uma coisa outra coisa.

Alice Tessler de Sousa

A imagem reproduzida na página anterior ilustra o material de divulgação do *V Congresso Internacional de Convergência* que a APPOA estará sediando em junho de 2012. É um recorte de um quadro de Iberê Camargo da coleção *Os Carretéis*.

O Congresso tem como temática “O Ato Psicanalítico: suas incidências clínicas, políticas e sociais” Um dos quatro eixos de trabalho é sobre “Ato e Criação do novo na cultura”.

O que ato analítico e ato de criação têm em comum e o que os diferencia?

Os carretéis se tornaram um elemento-personagem recorrente ao longo da obra de Iberê Camargo. E o carretel do neto de Freud também se tornou referente na Psicanálise.

Iberê relata que um dia, no fundo de uma gaveta, re-encontrou este objeto que fizera parte do seu mundo infantil (Kossovitch e Laudanna, 2000, p. 21), em que brincava com os carretéis que restavam do trabalho de costura de sua mãe.

Conforme podemos ler na epígrafe acima, os carretéis foram objetos de sua infância carregados de afetividade. Para Iberê, a obra de arte vale pelo que consegue expressar. Na sequência da epígrafe, o artista diz: *Qualquer pintor tem seu elemento. E este se torna um personagem que tem universalidade, que consegue viver no mundo das artes. Porque cada autor tem seu personagem e esse personagem vive seus dramas e suas metáforas.*

Sendo entrevistado por Lisette Lagnado (1994, p.33), afirmou: *Talvez eu esteja procurando, sem saber, a primeira imagem, a imagem da mãe. Aí, quando a coisa se apresenta, aí satisfaz. Não sei dizer de antemão como ela é, mas sou capaz de reconhecê-la. É ela, eu sei.*

O fio dos carretéis que enlaçam obra e vida do artista são invisíveis, inclusive para ele mesmo, mas ele é capaz de reconhecer quando “a coisa se apresenta na obra”, e “aí satisfaz”. O re-encontro imaginário com o objeto

perdido das vivências alucinatórias de satisfação infantil, um dia ligadas à sua mãe, marcam na obra do artista a nostalgia de possíveis re-encontros metaforizados. O artista cria a partir do elemento carretel personagens que vivem, metaforizam e deslocam os dramas da vida, dramas de vida que adquirem valor universal pois falam da condição humana.

Toda obra de arte é um curativo do vazio, diz René Passeron (2001, p.11). Vazio estrutural em torno do qual se ergue o sujeito e a civilização em cada época e cultura a seu modo. O artista em seu ato de criação busca exprimir o inexprimível, tornar visível o invisível, audível o inaudível e dar forma ao amorfo. Nas artes visuais, o artista busca situar na obra um certo olhar que leve o espectador a depor as armas da pulsão escópica. (Lacan, 1979).

Na obra de Iberê reproduzida acima, vemos algo que em troca nos olha. Alguns de seus carretéis, tal qual certos quadros de Picasso, têm seus orifícios transpostos das extremidades para os lados, e que parecem nos olhar como túneis do tempo em que nos perdemos em devaneios.

Iberê comentou certa vez: *Eu não pinto modelos, pinto emoções*¹. As emoções inscritas no quadro pelo artista, através dos traços do elemento/personagem carretel, se conjugam na passagem para a fruição do espectador que contempla e repercute em si essas inscrições.

Nesse sentido, uma das definições mais singelas e ao mesmo tempo profundas do que é arte me foi transmitida por Élide Tessler, referindo a afirmação de sua filha Alice, que um dia disse que “arte é fazer de uma coisa outra coisa”. Iberê pode pintar emoções porque soube fazer outra coisa com carretéis de sua infância. A partir dos seus traços inscritos na obra, os carretéis encontraram seu lugar de personagem no mundo da arte.

O carretel do neto de Freud também tem um fio de ligação com sua mãe. Freud relata, em *Além do Princípio do Prazer* (1920), o brincar de seu neto Ernst. Na ausência de sua mãe, jogava o carretel para fora de seu berço

¹ Disponível em: <http://www.bolsadearte.com/iberecamargo/critica.htm> Acesso em 01-10-2011.

temática.

ao mesmo tempo em que emitia um som “ooooó”. Depois o puxava alegremente de volta para si pelo barbante amarrado ao mesmo, emitindo um “dá”. Freud interpreta esses sons emitidos por Ernst como longe/aqui (*fort/da* na língua alemã). Comenta ainda que a repetição e a satisfação pareciam ser mais intensas quando o carretel era jogado longe (*fort*) em comparação com o puxá-lo de volta aqui (*da*).

Este jogo do carretel é notório porque marca a constituição do sujeito por seu ingresso na ordem simbólica, pois a criança pode brincar ativamente com o aparecimento/desaparecimento de sua mãe, colocando em seu lugar os significantes fundamentais *fort/da*. Nesse sentido, o símbolo é a morte da coisa (objeto perdido) e fonte do desejar.

O ato analítico tem como produto os significantes fundamentais que marcam as bordas do vazio estruturante do sujeito. Marcar as bordas do vazio, do objeto primordial perdido, permite ao sujeito desejar e fazer algo de mais interessante com estes significantes. Quando os significantes são abertos à polissemia pelo ato psicanalítico, torna-se possível ao sujeito se reposicionar e levar uma vida criativa. Torna-se possível ao sujeito o ato de criar algo novo em sua vida, e eventualmente na cultura também.

Em outras palavras, o produto do ato analítico é o significante S1 em nova posição (ou um novo S1). Nesse sentido, o ato analítico constitui “um verdadeiro começo, um ato criador que estabelece que esteja lá o começo” (Lacan, 1967-68). Um começo onde o significante do mestre (S1) não faz figura do amo que estabelece as certezas às quais o sujeito pode se agarrar sintomaticamente, como é o caso no discurso religioso.

No ato de criação de uma obra de arte, por sua vez, o artista cria de um lugar de enunciação renovado, desde que não caia na compulsão de repetição do mesmo, situação na qual esgota-se o processo de criação. Na arte, o ato re-cria ao mesmo tempo a morte simbólica inaugural do sujeito que se aliena nos significantes do Outro diante do vazio incurável do real, mas que, por outro lado, alivia o sujeito de se confrontar de forma direta com esse vazio insuportável através da tela que a obra interpõe.

O ato analítico desvela o vazio, delimitando suas bordas significantes, e o ato de criação, curativo, vela e revela o vazio.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer (1920) In: *Obras Completas*, vol. 18, Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KOSSOVITCH, Leon; LAUDANNA, Mayra. Gravura no século XX. In: *GRAVURA: arte brasileira do século XX*. São Paulo: Itaú Cultural: Cosac & Naify, 2000. p. 21.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11 – Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1979.

LACAN, Jaques. *O Ato Psicanalítico – Seminário 1967-1968*. Lição de 10-1-1968. Porto Alegre: Escola de Estudos Psicanalíticos.

LAGNADO, Lisette. *Conversações com Iberê Camargo*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

PASSERON, René. Por uma Poianálise. In: Sousa, E.L.A., Tessler, E., Slavutzky, A. (orgs.) *A Invenção da Vida – arte e psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

Qu'est ce que l'autorité¹

Robert Lévy²

Tout d'abord un peu d'éthimologie, en latin le terme auctoritas inclus l'idée de conseil, de garantie recouvrant le terme d'auctor qui donnera en Français: Auteur. En effet exercer l'autorité c'est se conduire en auteur, il n'y a pas d'autorité sans auteur et pas d'auteur sans la reconnaissance d'un sujet.

Alors il s'agit déjà de supposer à un enfant le statut de sujet pour que puisse s'exercer l'autorité des parents et que l'enfant les repère comme étant les auteurs d'une parole qui limite sans abolir la liberté ; ce qui est une opération à distinguer du pouvoir qui vise l'abolition de toute espèce de liberté. Il est vrai que notre modernité a plus tendance à substituer la force au détriment de l'autorité.

¹ Por questões editoriais publicamos o texto sem tradução para o português que, em breve, estará disponível no site.

² Psicanalista, Membro de *Analyse Freudienne*. Autor de *Le Désir Contrarié – Essai sur l'impossible transmission* (1998) e *L'infantile en Psychanalyse* (2008) entre outros.

temática.

Par conséquent, à la différence du pouvoir qui lui, s'impose il n'y a d'autorité que lorsque celle-ci est reconnue par celui qui consent à s'y soumettre. C'est bien le problème que rencontrent les parents car justement les enfants ne consentent jamais très facilement à se soumettre à l'autorité de leurs parents. D'ailleurs pourquoi, me direz vous y aurait-il une quelconque nécessité à faire autorité au près d'un enfant? La réponse est assez simple, c'est l'autorité qui permet d'imposer un certain nombre de limites sans lesquelles tout enfant se trouverait en situation d'angoisse. Contrairement à ce que l'on croit à priori ce n'est pas l'autorité qui angoisse les enfants mais le manque de limites que les parents interprètent souvent comme étant la liberté. Il faut bien qu'un parent soit l'auteur de ces limites pour que puisse se baliser petit à petit l'espace psychique d'un enfant de telle sorte que puisse s'inscrire ce que l'on appelle l'ordre symbolique.

En effet les parents ont un rôle prépondérant dans la construction psychique de l'enfant et l'autorité qui n'est pas l'autoritarisme permet d'assurer cette inscription. L'autorité n'est pas non plus la violence; on peut même dire que dès lors que la violence prendrait le pas, ce serait l'échec de l'autorité; en d'autres termes toute manifestation physique d'autorité vient faire la démonstration pour l'enfant que la parole ne vaut rien. Or il n'y a pas d'autre autorité que celle qui passe par le langage. Pas d'humain sans entrée dans le langage, l'autorité c'est donc cette fonction d'inscription de l'ordre symbolique qui commence déjà par définir un locuteur et un locuté. La loi ne se vérifie qu'à la condition qu'il y ait un auteur et un sujet C'est pourquoi la violence chosifie l'autre dans un statut d'objet, objet de la violence qui de ce fait annule tout sujet en rendant impossible du même coup le statut d'auteur, d'autorité donc.

C'est très exactement ce pas que franchit l'humanité par la substitution du droit à la force. Il n'est pas de société humaine qui n'exige un renoncement, renoncement toujours lié à une forme de jouissance; et c'est bien ce qu'engendre l'autorité parentale lorsqu'elle impose des limites qui sont elles mêmes limites de la jouissance immédiate de l'enfant. C'est ce à quoi l'autorité

contribue par sa mise en acte. Quand j'évoque la mise en acte, je la différencie de ce qu'est un passage à l'acte car le passage à l'acte est justement la réponse la plus fréquente au déficit d'autorité. De la même façon il existe un lien plus étroit encore entre le passage à l'acte et le recours au pouvoir au détriment de l'autorité. L'autorité n'est pas l'exercice du pouvoir dans la famille. Evoquons ici ce fait que les parents ont une fonction primordiale d'éducation et qu'est ce que l'éducation si ce n'est aider un enfant à supporter peu à peu l'écart entre le besoin et sa satisfaction immédiate. Dans cette mesure l'autorité c'est donc ce qui permet qu'un enfant tolère de mieux en mieux qu'il n'y a pas de réponse instantanée à ses besoins. C'est ce qui permet d'introduire un peu de métaphore là où l'instantané fait loi. Court circuit entre la pulsion et sa mise en acte où l'on reconnaît l'hyperactivité dont les parents n'arrivent plus à contrôler l'excitation à l'égal de ce que les enseignants ne parviennent pas à juguler comme trouble de l'attention. Court circuit entre le besoin et sa satisfaction sans médiation métaphorique où l'on reconnaît également les passages à l'acte violents des adolescents ou jeunes adultes chez lesquels l'autorité parentale a été mise en échec puisqu'elle n'a pas permis de médiation du temps repoussé entre les exigences du besoin et celles de la satisfaction. On trouve très souvent chez ces jeunes un déficit de langage très important dans lequel on note ce manque de capacités métaphorique source de ce court circuit qui laisse sans recours.

Ainsi la première autorité à laquelle tout humain est soumis c'est à celle du langage et son premier effet est sans nul doute de constituer du sujet. L'enfant se construit donc comme sujet en empruntant le langage à l'Autre qui s'adresse à lui en lui supposant d'être un sujet. Il faut donc que je puisse supposer déjà à mon enfant que lorsqu'il crie ça a un sens pour que j'interprète ce sens et que j'intervienne pour le soulager du froid ou de la faim. Pourtant l'autorité suppose, impose une limite à la jouissance c'est un exercice qui nécessite que je ne sois pas moi-même pris dans une forme de complicité de cette jouissance. C'est à ce prix que le futur auteur de sa vie pourra contribuer à un: 'vivre ensemble' autour du défaut structural de

temática.

jouissance et ce même si notre société consumériste nous envoie sans cesse des messages qui contribuent à nous faire croire qu'il existe bien une jouissance totale que l'on pourrait s'approprier enfin en s'achetant tel ou tel produit. L'autorité passe aussi par l'acceptation et le soutien de la part des parents d'un petit décalage avec la consommation habituelle qui viendrait soi disant résoudre tel ou tel frustration du moment. Et ce même si les messages publicitaires tendent plus tôt à nous inviter à consommer tout et tout de suite. La faillite de l'autorité régulatrice est paradoxalement la revendication au droit de jouir, droit à une liberté sans contrainte. Le sujet dès lors revendique sans cesse son droit à la réparation.

Mais revenons un peu sur cette fameuse complicité imaginaire avec l'enfant que l'on rencontre souvent chez des parents qui laissent au conjoint le soin d'exercer l'autorité en étant complice avec l'enfant contre le parent d'autorité. C'est ce qui se présente sous la forme d'un soi disant désaccord entre les parents sur les points de vue éducatifs mais qui n'est en fait rien d'autre qu'une des nombreuses formes de complicité imaginaire avec l'enfant; complicité dans laquelle l'un des parents se retrouve imaginairement en tant qu'enfant qui s'oppose à ses parents. Ce type de difficulté est très pervertissant pour l'enfant car c'est la loi dans son ensemble c'est-à-dire la loi de la parole qui est pervertie. Par exemple qu'un des parents accepte ce que l'autre vient d'interdire en ajoutant le plus souvent: 'tu ne le diras pas. Dans ce cas bien sûr l'autorité ne peut pas s'exercer puisqu'elle est invalidée par l'un des parents et de ce fait rendue caduque. Les parents ne savent pas qu'il est très important de pouvoir soutenir un accord entre eux à propos des options qu'ils prennent sur tel ou telle autorisation, ils ne se rendent pas compte qu'ils peuvent être en désaccord sur tel ou tel point mais pas devant l'enfant car cela équivaut toujours pour l'enfant à devoir faire le choix entre papa et maman ce qui en revient à reposer le choix œdipien. Les parents ont souvent des enjeux de pouvoir entre eux qu'ils règlent par ces conflits d'autorité sans s'apercevoir qu'ils instrumentalisent en toute bonne foi leur enfant. La conséquence c'est bien sûr l'impossibilité pour l'enfant d'accepter une

quelconque autorité. Ils n'imaginent pas que lorsqu'un enfant peut obtenir de maman ce que papa a interdit ou vice versa cela invalide la parole elle-même et, par conséquent si la parole est invalidée, c'est l'autorité elle-même qui s'en trouve également invalidée.

Il y a aussi des parents qui de plus en plus dorment avec leurs enfants et viennent consulter pour des angoisses diffuses de leurs enfants. Dans ce cas bien souvent ils expliquent qu'ils ne parviennent pas à s'opposer à la venue de leur enfant dans leur lit la nuit ou bien que leur enfant ne peut pas dormir s'il n'est pas avec eux dans leur lit. A chaque fois il faut se poser la question de savoir à qui profite cette pratique. La réponse est toujours la même: le profit va toujours à celui des parents qui se plaint de ne pas avoir suffisamment d'autorité pour empêcher cela. J'ai même entendu une mère vivant seule avec son fils de 11ans qui me disant très bien savoir que son fils ne devait pas dormir dans son lit; c'est pourquoi elle préférerait dormir dans le lit de son fils dans en pensant ainsi qu'elle ne transgressait pas l'interdit que son fils vienne dans son lit. En fait ce n'est pas un manque d'autorité, mais là encore une complicité dans la jouissance avec l'enfant pour ne pas être seule ou bien dans d'autres cas pour ne pas rester seule avec le mari ou bien encore plus prosaïquement mettre l'enfant littéralement en lieu et place du mari. Nonobstant le fait que ces pratiques instrumentalisent les enfants; On se heurte là à des questions qui sous couvert de manque d'autorité ne font en fait que démontrer qu'il n'y a pas d'autorité possible dans la jouissance partagée avec un enfant. Ainsi nous entendons que faire autorité suppose déjà une certaine forme de renoncement à la jouissance coté parent. Une autre forme de difficulté d'autorité que l'on rencontre assez souvent chez certains parents c'est celle qui consiste à dire que l'on y arrive pas, qu'il fait ce qu'il veut et quoi que l'on fasse il n'en fait qu'à sa tête avec la force qu'il a. Bien souvent on voit arriver à la consultation un tout petit bonhomme de 4 ou 5 ans et effectivement on ne comprend pas que l'on puisse être dépassé par un si petit modèle. Pourtant Justement toute la question est bien là posée dans la disparité entre le discours tenu

temática.

par les parents sur ce petit bonhomme et le petit bonhomme en chair et en os. Il s'agit alors d'amener ces parents à pouvoir dire quelque chose du fantasme qu'ils ont construit sur la toute puissance de leur enfant ; en d'autres termes de pouvoir les confronter à cet enfant tout puissant qu'ils espèrent et l'enfant de la réalité si petit.

Un autre exemple très intéressant est celui de parents qui viennent consulter par ce que leur fille ainée de 6ans est dans un excès permanent tant en ce qui concerne ses démonstrations affectives à l'égard de ses parents qu'en ce qui concerne ses colères et son manque de limites en toute chose. Le père s'exprime tout d'abord en évoquant combien elle réussit à le faire sortir de ses gonds alors qu'il est un homme placide et sans excès. Je lui demande alors avec qui d'autre il a pu éprouver ce genre d'excès, il hésite, réfléchit puis sans hésiter évoque sa propre femme. Cette petite fille a bien réussie à susciter cette passion que seule sa mère suscite au près de son père, père qui de ce fait ne peut exercer d'autorité au près d'elle puisque cette petite fille imaginaire est à la même place que sa femme avec laquelle il partage également ce genre de passion. On voit ici que la question œdipienne n'est pas seulement du côté de l'enfant même si cette petite fille va chercher à exacerber cette question en suscitant également la colère de sa mère lorsqu'elle lui dit tout de go que sa nounou devrait bien mieux être la femme de son père. La maman de cette petite fille évoquera elle aussi qu'elle se met en colère avec elle sur un mode passionnel qui ne lui convient guère puisqu'elle y retrouve exactement celle qu'elle éprouvait dans son enfance avec sa propre mère avec qui elle se battait en permanence.

Là non plus point d'autorité puisque la maman reproduit sa propre histoire d'enfant avec sa fille. Autant dire que dans ce cas l'autorité ne peut s'exercer que si les parents peuvent renoncer au fantasme de toute puissance de leur enfant pour adopter et reconnaître alors leur enfant de la réalité. C'est à ce prix que pourra s'exercer une quelconque autorité. Vous avez sans doute tous entendu déjà qu'un enfant devait être désiré pour vivre, il va sans dire que ce qui se joue dans le hiatus entre l'enfant que l'on a

imaginé et celui de la réalité est absolument capital et que ça n'est que dans le renoncement des parents à cet enfant merveilleux de leur imaginaire, c'est-à-dire celui de leur fantasme, que pourra s'exercer leur autorité. C'est à ce prix qu'ils pourront s'autoriser alors à être des éducateurs car être éducateur de son enfant ne se conquière qu'en renonçant un peu à la part de notre propre narcissisme toujours en jeu dans le désir d'enfant. C'est un désir de réparation de sa propre histoire ou bien tout simplement un désir que cet enfant soit celui qui réalise ce que moi-même je n'ai pu mener à bien. C'est donc toujours le narcissisme des parents qui est l'enjeu du manque d'autorité ou, en tout cas de la difficulté de sa mise en œuvre. La difficulté de l'autorité vient également du fait que pour qu'il y ait de l'autorité il faut qu'il y ait du tiers ; c'est-à-dire que l'enfant ne soit pas pour l'un ou l'autre des parents son seul objet de désir. En effet il faut pour qu'il y ait autorité, un petit écart entre le désir de la mère pour son enfant et le désir de la mère pour quelqu'un d'autre. Quelqu'un d'autre que la mère pourra invoquer même en son absence et il n'est pas rare que dans certaines situations même de divorce l'on puisse conseiller à une mère qui ne s'en sort pas d'avoir recours au père; ce qui est très souvent difficile à faire admettre car bien souvent la fonction paternelle disparaît au titre des pertes et profits à l'occasion des divorces et sous prétexte qu'elles n'aiment plus leur mari, la fonction de père ne doit plus elle non plus être utilisable pour leur enfant. Dans ce cas il y a peu d'espoir pour qu'une autorité puisse s'établir. Il y a l'enfant copain aussi, autre figure du manque d'autorité où le parent annule toute différence dans l'angoisse d'avoir à faire le père ou la mère d'ailleurs. Ici il s'agit du déni de la différence de générations où les parents veulent inconsciemment faire l'économie d'exercer l'autorité en mettant tout le monde sur le même pied et attendent surtout de l'enfant qu'il fasse lui-même preuve d'autorité en intégrant les limites de l'humain sans que la langue d'un Autre, d'un Auteur ait eu à s'engager en quoi que ce soit. Parfois il s'agit d'un père qui, ayant eu lui-même un père non pas auteur mais autoritaire, ne peut pas faire autorité car dans ce cas il croit qu'il serait

temática.

alors à la place de son père alors qu'en fait il n'est à nouveau qu'à la place de l'enfant mal traité; donc il préfère être copain pour éviter cette expérience de répétition de sa propre histoire. Dans Ce cas de figure il ne laisse aucune place à son enfant comme différent de lui-même, aucune place pour une histoire différente non plus et ce type d'aliénation à l'histoire de l'autre peut créer de très graves difficultés chez l'enfant. Il y a aussi cette mère qui, endeuillée par la disparition de son propre père, ne pouvait pas concevoir que son fils puisse vivre sans son grand père, je dus alors lui rappeler que le père de l'enfant n'était pas mort ; mais cela ne comptait pas car on avait perçu évidemment qui était le père fantasmatique de son enfant ; comment donc le père de l'enfant pourrait il faire autorité si ce n'est pas lui qui fait tiers pour la mère? Ici donc ni place pour l'enfant de sa propre histoire, ni place pour son père d'un exercice possible de la fonction paternelle.

Au fond qu'est ce qu'on entend par fonction paternelle, autorité parentale si ce n'est un dire que non. Mais c'est un dire que non d'une forme tout à fait particulière puisque il faut bien qu'un enfant ait pu avoir au moins une fois cette expérience d'être confronté à un père (ou à une fonction paternelle plus exactement) qui se retrouve seul face à un enfant, et qu'il puisse énoncer ce non. Un non qui est tout à la fois le NON mais aussi le nom c'est-à-dire un non qui nomme la place de la différence. Un non bien difficile à énoncer puisque c'est celui qui va nous mettre dans une totale solitude du fait même que nous devons assumer en cette instant le risque de perdre l'amour de l'enfant et parfois celui de sa mère si elle se trouve en désaccord. C'est un non qui ne s'énonce pas collectivement, un non qui est sans recours, un non d'auteur dans lequel en cet instant il n'y a pas de négociation possible, pas de discussion possible et encore moins de petits arrangements. Si ce non n'a jamais pu se dire alors il n'y aura pas d'autorité. C'est à ce prix que l'on devient auteur d'autorité c'est ainsi que peuvent se transmettre les conditions de l'humanisation auxquelles appartient la loi symbolique.

Vous l'aurez compris, il n'y a pas d'autorité sans que le parent lui-même se trouve soumis à une loi à laquelle nous sommes tous soumis c'est-à-dire celle de la castration.

agenda.

agenda

dezembro. 2011

dia	hora	atividade
01, 08 e 15	19h30min	Reunião da Comissão de Eventos
09 e 16	14h	Reunião da Comissão da Revista
01	14h	Reunião da Comissão da Biblioteca
08	21h	Reunião da Mesa Diretiva
05 e 19	20h30min	Reunião da Comissão do Correio

próximo número

Topologia

dezembro 2011 | **correio APPOA .91**

normas editoriais do Correio da APPOA

O Correio da APPOA é uma publicação mensal, o que pressupõe um trabalho de seleção temática – orientado tanto pelos eventos promovidos pela Associação, como pelas questões que constantemente se apresentam na clínica –, bem como de obtenção dos textos a serem publicados, além da tarefa de programação editorial.

Tem sido nosso objetivo apresentar a cada mês um Correio mais elaborado, quer seja pela apresentação de textos que proporcionem uma leitura interessante e possibilitem uma interlocução; quer pela preocupação com os aspectos editoriais, como a remessa no início do mês e a composição visual.

Frente à necessidade de uma programação editorial, solicitamos que sejam respeitadas as seguintes normas:

1) os textos para publicação na Seção Temática, Seção Debates, Seção Ensaio e Resenha deverão ser enviados por e-mail para a secretaria da APPOA (appoa@appoa.com.br);

2) a formatação dos textos deverá obedecer às seguintes medidas:

- Fonte Times New Roman, tamanho 12
- O texto deve conter, em média, 12.000 caracteres com espaço
- Notas de rodapé em fonte tamanho 10

3) as notas deverão ser incluídas sempre como notas de rodapé;

4) as referências bibliográficas deverão informar o(s) autor(es), título da obra, autor(es) e título do capítulo (se for o caso), cidade, editora, ano, volume (se for o caso);

5) as aspas serão utilizadas para identificar citações diretas;

6) citações diretas com mais de 3 linhas devem vir separadas do corpo do texto, com recuo de 4 cm em relação à margem, utilizando fonte tamanho 10;

7) o *itálico* deverá ser utilizado para expressões que se queira grifar, para palavras estrangeiras que não sejam de uso corrente ou títulos de livros;

8) não utilizar negrito (bold) ou sublinhado (underline);

9) a data máxima de entrega de matéria (textos ou notícias) é o dia 05, para publicação no mês seguinte;

10) o autor, não associado a appoa, deverá informar em uma linha como deve ser apresentado. A Comissão do Correio se reserva o direito de sugerir alterações ao(s) autor(es) e de efetuar as correções gramaticais que forem necessárias para a clareza do texto, bem como se responsabilizará pela revisão das provas gráficas;

11) a inclusão de matérias está sujeita à apreciação da Comissão do Correio e à disponibilidade de espaço para publicação.

Faça já suas assinaturas Correio da APPOA

- ✓ 11 edições temáticas por ano.
- ✓ Notícias.
- ✓ Agenda dos eventos do mês.

e Revista da APPOA

- ✓ 2 edições por ano

Para receber a Revista e (ou) o Correio da APPOA, preencha o cupom abaixo e remeta-o para:

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

Rua Faria Santos, 258 – Bairro Petrópolis
90670-150 – Porto Alegre RS

Tel.: 3333 2140 Fax: 3333 7922 E-mail: appoa@appoa.com.br

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP: _____ CIDADE: _____ UF: _____

FONE: _____ FAX: _____

E-MAIL: _____

INSTITUIÇÃO: _____

Sim, quero receber as publicações da APPOA, nas condições abaixo:

() Assinatura em conjunto:

Revista (2 exemplares) e Correio da APPOA (11 exemplares) R\$ 150,00

() Assinatura anual da Revista da APPOA (4 exemplares) R\$ 120,00

() Assinatura anual do Correio da APPOA (11 exemplares) R\$ 100,00

Promoção especial!

Assinando uma das propostas você receberá como cortesia o livro
“Narrativas do Brasil - Cultura e psicanálise” - Várias autores (294p.)

Data: ____/____/2011

* O pagamento pode ser feito via depósito bancário no Banco Itaú, Bco. 341, Ag. 0604, C/C 32910-2. O comprovante deve ser enviado por fax, juntamente com o cupom, ou via correio, com cheque nominal à APPOA.

